

FOOTBALL

Expediente

Revista TOTAL - Trabalho de Conclusão de Curso. Novembro de 2014. Faculdade de Comunicação.
Universidade de Brasília.

Texto

Lucas Vidigal

Orientação

Professor Paulo Paniago

Projeto gráfico, arte e diagramação

Ramilla Rodrigues

Foto de capa

Running Track (Dromo.co)

3

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo como requisito parcial para obtenção de grau de bacharel



UnB

A necessidade de ir além do esporte

O gol do jovem alemão Mario Götze, 22 anos, na prorrogação da nervosa final contra a Argentina encerrou a Copa do Mundo de 2014 e deu à Alemanha o quarto título mundial. Se esse feito tivesse acontecido em um mundo onde o futebol é só outra modalidade sem tanto interesse, talvez só fizesse sentido aos jornais falar sobre tal campeonato nas páginas esportivas.

Mas é o futebol. Esporte praticado em mais de 200 países por cerca de 250 milhões de pessoas em todo o planeta — pelo menos segundo a Federação Internacional de Futebol (Fifa). Se a entidade máxima dessa modalidade maquiou a pesquisa ou não, é difícil saber, uma vez que não há outras fontes que tratem com precisão do número de praticantes.

É só ver como tantos canais de televisão pelo mundo afora empenharam tanto dinheiro para garantir a transmissão dos jogos. A estimativa é que a Fifa tenha arrecadado US\$ 2 bilhões em direitos de transmissão. Imagens de praças nacionais lotadas de torcedores em várias cidades mostram como o evento é agregador e capaz de deixar ruas vazias, com todos à frente de televisões.

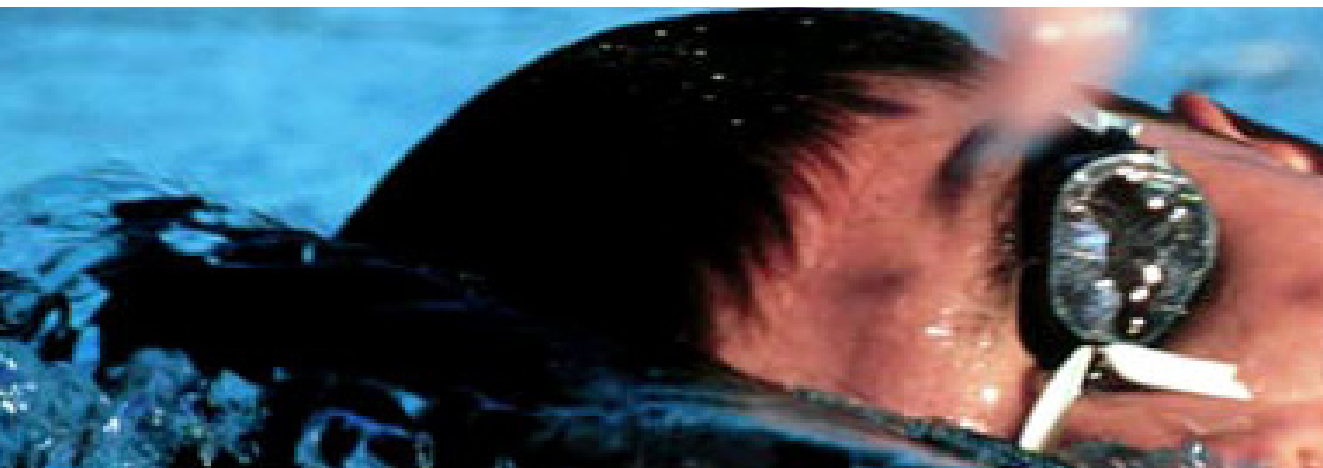
Na Copa de 2014, uma outra variável tornou a competição ainda mais importante aos olhos do brasileiro. Foi um Mundial promovido no Brasil, algo que só ocorrera em 1950. Escolher um país para ser sede, naquele tempo, não envolvia tanta política e nem movimentava tantas preocupações da sociedade, como transporte, infraestrutura e orçamento.

Depois de a candidatura do Brasil — a única em questão — ter sido escolhida como sede, em 30 de outubro de 2007, o país teve sete anos para atender todas as exigências da Fifa, mais tarde conhecidas como “padrão Fifa”. Construir ou reformar estádios com especificações rígidas, tais como instalação de cadeiras, cobertura, visibilidade total do campo são exemplos de obrigações que deveriam ter sido integralmente cumpridas naquele tempo.

Só que o tal padrão Fifa vai além disso. A rede hoteleira deve ser capaz de comportar todos os espectadores dos jogos em cada cidade, aeroportos têm de passar por modernização e ampliação para atender a um fluxo de turistas muito maior do que o usual. Em junho de 2014, durante a Copa, 700 mil estrangeiros passaram por cidades brasileiras, de acordo com balanço do Ministério do Turismo. No mesmo período em 2013, 298 mil vieram de fora — bem menos da metade.

Para organizar tudo isso é preciso gastar. E não saiu barato. A estimativa oficial do Governo Federal é que a União, governos estaduais e municipais investiram R\$ 25,8 bilhões. Brasília tem o caso mais emblemático: a construção do Estádio Nacional Mané Garrincha, antes orçada em R\$ 745 milhões, teve preço de R\$ 1,6 bilhão — o terceiro mais caro do mundo.

Isso em uma cidade sem time de grande expressão nacional que pudesse lotar rotineiramente os 71 mil lugares disponíveis na arena, o que impensável em um país onde nem mesmo as equipes mais populares como Flamengo



conseguem encher estádios. Foi tão caro e terá tão pouco uso, que cofres públicos do Governo do Distrito Federal (GDF) terão de esperar mil anos com aluguel para shows e partidas para que o dinheiro gasto seja devolvido.

Os gastos excessivos com a Copa do Mundo foram um dos gatilhos das manifestações ocorridas em junho de 2013 – em plena Copa das Confederações, o principal evento teste do Mundial –, que reuniram milhares de pessoas por todo o país com questionamentos a possíveis desperdícios financeiros com a realização do evento, além de violações aos direitos humanos, como desapropriações para construção de obras e violência policial contra os que protestavam. Os protestos pouco voltaram a aparecer no torneio em 2014, mas os movimentos abalaram a credibilidade e o entusiasmo do brasileiro com o campeonato.

Não bastasse apenas a Copa do Mundo, os Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro, em 2016, se aproximam. A competição poliesportiva também na ponta das críticas dos manifestantes de 2013, principalmente os cariocas. As Olimpíadas, ainda que tenham audiência menor do que a do Mundial de futebol, englobam dezenas de competições em poucas semanas e também fazem parte do filão aguardado pelos veículos de comunicação para cobertura. Nenhum fã de esporte quer perder a magia das cerimônias de abertura, como ocorreu em Moscou-1980 e Pequim-2008, nem o surgimento de grandes atletas como Nadia Comaneci em Montreal-1976 e Michael Phelps em Atenas-2004.

Como Jogos Olímpicos geralmente ocorrem em apenas uma cidade – com outras sedes de apoio, como no caso do futebol e da

vela, quando a principal sede não é litorânea –, o impacto da infraestrutura é maior do que na Copa do Mundo. Afinal, não se trata apenas de um estádio, mas várias instalações esportivas. É preciso construir uma vila inteira para abrigar os mais de dez mil atletas de cerca de 200 países, rede hoteleira para suportar turistas de todos esses países e planos de mobilidade urbana para interligar todas essas construções sem deixar a vida urbana rotineira parar.

O Rio de Janeiro vai encontrar todos esses desafios em 2016, muito maiores do que os experimentados quando a cidade organizou os Jogos Pan-Americanos em 2007, quando 42 países participaram. Experiências ruins já vistas naquele ano, como atrasos em obras e infraestrutura prometida não entregue são fantasmas que já assombram o Comitê Organizador dos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro, que ainda teme possíveis problemas futuros como grandes e desorganizadas filas.

Não há como falar apenas sobre crônicas esportivas com o resultado. Para fazer uma boa cobertura de eventos esportivos, é preciso entender como o país se organizou para promovê-lo. Mais ainda, entender qual é o background político, econômico e social daquela sede.

Por isso, o jornalista que cobre grandes eventos esportivos deve extrair pautas que tratem dessas mudanças sofridas pela ao organizar esses acontecimentos. Não basta ao repórter saber apenas sobre o esporte em si. É preciso ser um pouco jornalista econômico, político, cultural e internacional para transmitir ao público a atmosfera gerada pelas grandes competições.



Então, por que **total** ?

O evento esportivo, como explicado, vai além do mero interesse de competição entre países ou atletas. Como esses grandes acontecimentos ocorrem entre espaços de tempo longos, cada edição está dentro de um contexto social, político e cultural diferente. Não é apenas o panorama mundial que muda. As competições também trocam de lugar entre quatro e quatro anos. Muda-se o cenário, os atletas, os turistas e, às vezes, até os países participantes.

Muda tudo. Por isso, o nome da revista é **total**.

total porque o objetivo é retratar como aquela sede não será mais a mesma depois daquele evento. Porque as reportagens também devem analisar a influência daquela competição na política, economia, cotidiano e cultura.

total porque é preciso mostrar como as pessoas daquele país sede reagiram ao evento. Como a cultura interferiu no modo de acompanhar a competição e como os torneios mudaram o dia a dia do cidadão comum.

total porque os efeitos do grande evento não agem só sobre a sede. Países participantes podem dar trégua a conflitos durante competições ou boicotá-las por conta de crises. Também porque gastos mal usados para o torneio podem quebrar a economia de todo um continente.

total porque o jornalista deve relacionar assuntos diferentes para apresentar ao leitor a atmosfera criada pelo evento esportivo. Uma economia em crise, por exemplo, pode desanimar torcedores. Aí, não vale apenas saber falar sobre esporte. Quem fala de assuntos econômicos, por outro lado, pode encontrar na programação cultural pautas sobre cifras e tendências de mercados.

total, assim, com essas formas no nome, porque o deve ser bem definido, eficaz, e que salte aos olhos do leitor. O público da revista não está interessado em histórias sem análises ou meras apresentações dos fatos. As reportagens devem contextualizar quem lê, coloca-lo em sintonia com o que aquele grande evento esportivo representou. Em economia, política, cotidiano e cultura. Totalmente.



Sumário

NOSSO
PÚBLICO
08

COMPROMISSOS EDITORIAIS

a revista

12

11

a imagem

25

as pautas

13

a apuração

19

o texto

23

PLANEJAMENTO DE COBERTURAS

Chile 2015

31

29

Calendário 2015

64

Canadá 2015

38

França 2016

48

Rio 2016

57

ANEXOS

66

total

**Nosso
Público**

8

Para quem escrevemos

Criar um veículo de comunicação exige conhecimento sobre as pessoas para quem se pretende falar. Repórter, editor, fotógrafo e ilustrador precisam saber como o leitor vai entender e se interessar por aquelas informações. É com o olhar no público que a equipe deve produzir o conteúdo do veículo.

A **total**, no entanto, define antes o segmento do conteúdo e o gênero jornalístico. O formato será discutido e justificado mais adiante. O projeto desta revista não visa a produção comercial imediata e, sim, as definições de linhas de apuração e texto para os próximos grandes eventos esportivos. Logo, não há interesse em se criar uma publicação para determinado público depois de tê-lo identificado. A intenção desta parte é, a partir do formato editorial, explicar quem serão as pessoas leitoras do periódico.

Como foi falado na introdução, o objetivo da **total** é compilar reportagens sobre os efeitos do grande evento esportivo nos outros setores da sociedade que não o esporte. Por meio de cobertura intensiva das principais competições, apresentar assuntos sobre o país sede, as percepções e o cotidiano de quem teve a vida alterada de alguma forma por esses acontecimentos.

Revistas de cobertura meramente esportiva têm como público fãs das modalidades as quais abordam, o que segmenta o gênero. A *Placar*, revista de esporte de maior tiragem no Brasil, com 90.024 exemplares mensais, aborda exclusivamente futebol desde a década de 1990. De acordo com a editora Abril, responsável pela revista, o leitor é predominantemente masculino (88%), de classe média (também 88%) e dos estados do Sudeste (42%). Tal publicação cobre outras modalidades apenas em ocasiões especiais, como em edições prévias dos Jogos Olímpicos, como foi feito em Pequim-2008 e Londres-2012.

A revista que mais se aproxima da ideia da **total**, no entanto, é a *IstoÉ 2016*, da editora Três. Ela aborda questões sobre o estado das obras que serão palco das competições e questões relativas a custos e política a respeito da organização dos jogos, além de entrevistas e levantamentos estatísticos sobre esportistas — o que não será abordado, em regra, na **total**. A tiragem é de 377.275 exemplares e a periodicidade é trimestral. De acordo com a editora Três, a publicação é a “primeira revista com data certa para encerrar a circulação”, que seria na cerimônia de encerramento dos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro.

Desde o lançamento, em junho de 2010, a *IstoÉ 2016* era distribuída gratuitamente aos assinantes da *IstoÉ*, como um suplemento. Com projeto editorial semelhante ao das principais concorrentes, *Época* (editora Globo) e *Veja* (Abril), o semanário atinge a um público classe AB, composto 48% por adultos de 20 a 40 anos e quase metade com nível superior completo (47%). Entre os gêneros, há leve maioria feminina (54%). Os dados são da editora Três, que também produz a *IstoÉ Gente*, revista de celebridades já dissociada da principal e a *IstoÉ Dinheiro*, de economia.

A editora Três não disponibiliza dados do público da *IstoÉ 2016*. Porém, se for levado em conta o fato de que a distribuição da revista ocorre junto com a *IstoÉ*, é possível utilizar os parâmetros da publicação central da editora como referência.

No entanto, a **total** dedicará apenas uma edição a cada evento esportivo, enquanto a *IstoÉ 2016* dedica todas as 38 edições exclusivamente aos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro. Enquanto a revista da editora Três é trimestral — periodicidade a ser diminuída à medida que as Olimpíadas se aproximarem —, a **total** terá



10

apenas um número por competição. Outra diferença é que esta publicação trata, pelo menos nos primeiros números, não só de eventos poliesportivos, mas de competições exclusivamente futebolísticas, como a Copa América.

Também é importante a ressalva de que a **total**, diferentemente da *IstoÉ 2016*, vai a público depois, e não antes das disputas esportivas. Além disso, a primeira trata de grandes reportagens que só serão divulgadas após o fim do evento. Para que o leitor guarde interesse em ainda ler sobre o torneio já terminado, é preciso que ele tenha interesse em assuntos internacionais – para entender sobre outros países – ou mesmo em esportes, para rememorar aquela competição passada há poucas semanas.

Apesar dessas diferenças, o público da **total** é, pelo menos em parte, semelhante ao da *IstoÉ Rio 2016*. Trata-se do leitor ou leitora de variedades e interessado nas atualidades de variedades e interessado nas atualidades de política, economia e cotidiano do Brasil e do Mundo. Como acontecimentos esportivos de grande porte interferem nessas pautas, aqui e em outros países, há a união do interesse em saber mais sobre as competições e ao mesmo tempo entender como acontecem tais impactos no mundo fora do esporte.

O PÚBLICO DA **total**

IDADE ENTRE 20 E
50 ANOS

AMBOS OS SEXOS

CLASSES A E B

BRASILEIROS DE TODAS
AS REGIÕES COM
INTERESSE MAIOR EM
REPORTAGENS SOBRE O
MUNDO E ESPORTES

Compromissos Editoriais

11

A revista	12
As pautas	13
A apuração	19
O texto	23
A imagem	25

A revista



12 Explicado sobre o público para o qual a **total** vai falar, é necessário justificar o porquê da escolha da revista como formato. Há possibilidades de se pensar em grandes reportagens sobre o entorno do grande evento esportivo em outros veículos escritos. A internet, por exemplo, permitiria a interação por meio de infográficos, a edição de vídeos e espaços para fotorreportagens. Jornais, com espaço maior que a revista, poderiam também servir com meio para esses textos e imagens.

Entretanto, dois fatores foram levados em consideração para que a **total** fosse determinada como revista. O primeiro deles é a ergonomia. Jornais, muito grandes, não são lá confortáveis ao leitor. A web o faria depender de estar em algum local com conexão à internet ou de ter um modem 3G/4G. Ausência de energia ou de bateria pode colocar a leitura em risco. A vantagem do formato em magazine está na portabilidade, para carregar as reportagens por onde o indivíduo for. Além disso, quem lê – e gostar – pode guardar a publicação para que seja lida quantas vezes quiser.

O segundo ponto é a capacidade de reportagens mais frias e longas e analíticas fluírem em revistas. Online, o propósito da **total**, que não é de fazer hard news, e sim, um balanço do evento, dificilmente seria atrativo ao leitor. Um portal, para que se mantenha vivo na internet, deve ser atualizado constantemente. Isso inviabiliza reportagens com

levantamentos e análises críticas sobre a relação do público com o grande evento como um todo.

Portanto, textos precisam alcançar um equilíbrio entre a relevância no tempo de publicação e a capacidade de fornecer ao leitor um panorama sobre aquele evento, que pode ser recordado a qualquer instante. Para isso, a **total** será publicada sempre até quatro semanas após o término dos jogos. É tempo suficiente para que reportagens sejam pensadas antes e durante a competição, além de textos que incitem o debate sobre o legado que o acontecimento deixou na sede e para os torcedores.

O número de reportagens flutua a cada edição dentro de uma margem de seis a dez pautas, que devem ter entre cinco e dez páginas de texto e imagem. Quantidade que permite compreender as mais diversas áreas editoriais – economia, política, cultura e cotidiano, por exemplo – com espaço suficiente de texto para descrever bem ao leitor o ambiente daquele acontecimento.

Como cada edição trata de um evento (ou, excepcionalmente, dois eventos) específico, a equipe deve promover reuniões de planejamento a partir de quatro meses antes do início da cobertura intensiva. Nos encontros, serão detalhadas as diretrizes de formulação de pauta, critérios gráficos e atribuição de tarefas.

As pautas



13

A seleção de assuntos que entram em cada edição da **total** é conduzida pelo propósito da revista: falar sobre os efeitos do grande evento esportivo na sede onde ele ocorre e nos espectadores.

Assim, a **total** deve concentrar as discussões de pauta nos assuntos referentes a economia, política, cotidiano e cultura, não necessariamente nessa ordem.

Eventualmente, outros temas podem entrar na agenda da revista, mas as quatro editorias principais são as maiores responsáveis por dar ao leitor a dimensão do acontecimento.

É importante ressaltar que esses assuntos não precisam ser abordados em matérias separadas. Interligar as editorias, sempre com foco no relato de histórias, justifica ainda mais a maneira como o grande evento esportivo age naquela sede.

Cultura Economia
 Cotidiano Política cotidiano
 Política cultura Economia
 Economia Cotidiano Política
 Política cultura Economia
 Cotidiano omia Cultura
 Cultura Cotidiano
Esportes
 Cultura Cultura Economia
 Economia Política cotidiano
 Cotidiano cotidiano Economia
 Política Economia Cultura Política
 Cultura Política cotidiano

Cotidiano

A experiência da Copa do Mundo no Brasil mostrou como a presença de um grande evento esportivo afeta o dia a dia dos habitantes daquela sede. Férias escolares antecipadas, esquemas de trânsito, presença de turistas e outras várias alterações no modo de viver.

Mas a ideia da **total**, como revista que proporciona um balanço da atmosfera ao leitor, não é dar o factual, o hard news. Isso tampouco seria correto, já que não é interessante ao público de outro lugar diferente da sede saber que o trânsito ficou insuportável no dia de uma partida de vôlei de praia.

Apesar de a revista não ser focada nos resultados esportivos, um dos critérios para a formulação de pauta na **total** é a relação com o evento. O objetivo está no encontro de histórias de vidas e rotinas transformadas pelas competições. Pessoas que encontraram em um turista o novo amor, a vida de estrangeiros naquela sede até então desconhecida, a maneira com a qual uma pequena vila na periferia da cidade preparada para a competição lida com esse acontecimento.

Somente com uma imersão completa do repórter naquela sede é que fica possível garimpar essas histórias, que, sem o olho curioso de um bom jornalista, passam batidas pelo cidadão que mora lá há tempos.

São pautas pensadas assim que fazem o leitor conhecer o país ou a cidade sede, além daquilo que é mostrado em guias de turismo. A **total** não deve mostrar o óbvio. Em uma competição em Paris, como a Euro, o público já conhece a Torre Eiffel e já se cansou de ler sobre o que há para se fazer na cidade. Nesse caso, quem lê quer saber mais sobre as controvérsias da política de imigração do país e como elas interferem no cotidiano do torcedor, por exemplo.

Sugestões de pautas para cotidiano

Todo mundo fala sobre as competições ou elas passam batidas? Os cidadãos aprovam ou rejeitam? Há banners, promoções em lojas e outras coisas que identifiquem a presença deste acontecimento?

A aceitação das pessoas em relação ao evento

O que vêm fazendo para atrair turistas? Há conhecimento de língua estrangeira entre os trabalhadores? Como garçons, gerentes e bartenders reagem às diferenças culturais?

Bares e restaurantes

Como aquela sede lida com a presença de mulheres no esporte? Comunidades minoritárias (imigrantes, indígenas) se sentem representados pelas equipes locais? O acesso ao evento é para todos ou só para uma elite? A competição ocorre na cidade inteira ou a periferia fica de fora?

Questões sociais e culturais

Como é viver ao lado de um monumento construído para aquela competição? O que havia lá antes? Quem são os moradores de lá? Boa chance para procurar perfis.

Bairros que circundam os estádios

Impressões internacionais

Aqui, a sede não é mais cenário, mas segue como o assunto. Como as pessoas do resto do mundo assistiram ao evento? O que sabem sobre as cidades que receberam as competições? Como lidam com outras torcidas?



A candidatura de um país ou cidade para sediar um grande evento esportivo parte dos governos locais. Ser escolhido como sede representa um enorme ganho político para os mandatários em questão, uma vez que o direito de receber competições é vendido como sinal de desenvolvimento perante o mundo, como foi visto com o Brasil ao ser eleito sede em 2007 para a Copa do Mundo de 2014 e em 2009 para as Olimpíadas de 2016.

Depois da festa da escolha, é preciso planejar. Definir orçamento, quais recursos serão utilizados com as obras e possíveis desapropriações. Mau planejamento pode acarretar num efeito oposto da euforia da eleição da sede. Atrasos, denúncias de superfaturamento em construções, esquemas de corrupção desvendados e exclusão de comunidades carentes para que estádios sejam construídos alteram a percepção do público em relação ao grande evento esportivo.

O Brasil passou por isso. Um ano antes de receber a Copa do Mundo e a três das Olimpíadas, uma série de manifestações tomou as ruas das maiores cidades. Em alguns desses protestos, o número de pessoas era da ordem de centenas de milhares.

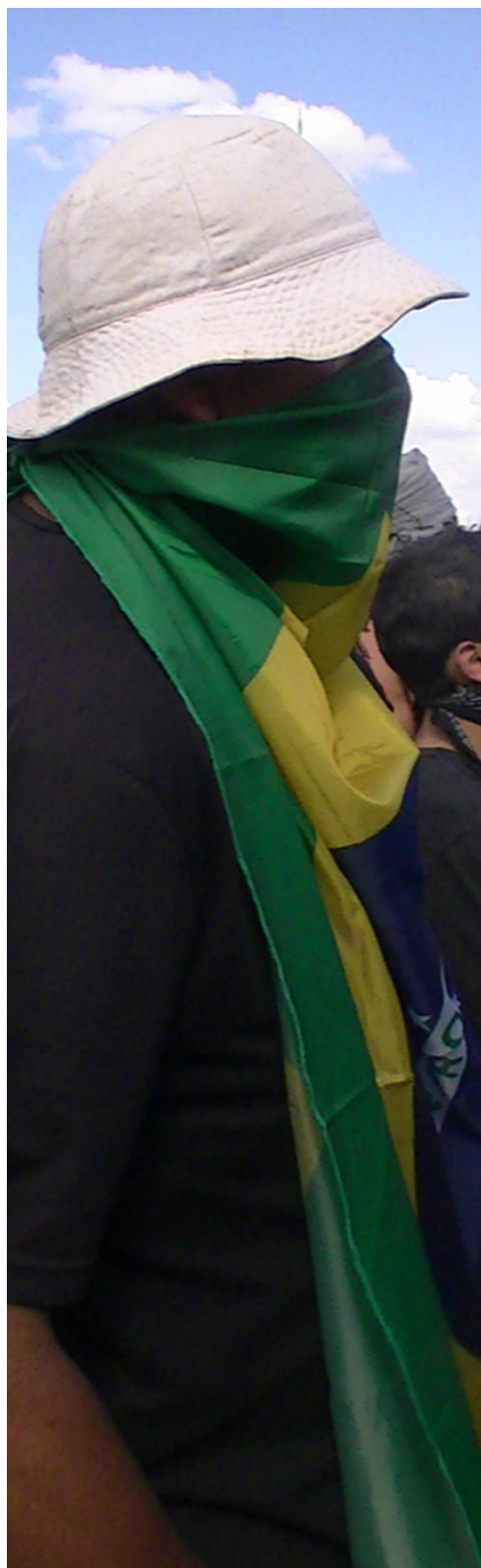
As pautas dos movimentos eram difusas, mas um dos temas mais gritados pelos manifestantes era a organização da Copa. Gastos públicos com estádios, fracasso do planejamento de mobilidade urbana e desapropriação de áreas para construção de arenas estavam entre as reclamações. A ponto de aparecer o movimento “Não vai ter Copa!”, a poucos meses da abertura do torneio.

O impacto foi terrível para a popularidade da então presidente da república Dilma Rousseff, que chegava a ter mais de 60% de aprovação segundo pesquisas anteriores aos protestos e que caiu a cerca de 30% após os movimentos.

Então, da mesma forma que organizar uma grande competição pode ser usado para propaganda estatal, o governo em exercício pode querer escondê-la. Como fez Dilma ao pouco abordar a Copa do Mundo de 2014 no programa eleitoral do mesmo ano.

O caso do Brasil mostra que entender sobre a política de determinada sede requer estudo. Saber quais os grupos partidários e conhecer o contexto da eleição do local para receber o evento é tarefa do repórter que escreve sobre isso para a **total**.





Entretanto, a escrita desse tema pode se tornar chata e maçante ao leitor caso se atenha aos detalhes políticos que só interessam aos habitantes locais. Por isso, é preciso que o repórter saiba tornar interessante, divertida e empolgante a leitura do assunto. Seguem, então, algumas formas de encontrar pautas interessantes sobre política:

Percepção do país em relação ao governo

Antes e principalmente durante o evento. As pessoas acreditam que os governantes ajudaram a tornar as competições possíveis? Houve descontentamento nacional com a promoção daquele torneio?

Identificar peculiaridades políticas daquela sede

Qual a forma de governo do país? Quantos partidos existem? A democracia existe de fato? As pessoas se sentem representadas pelos políticos locais? Qual o papel do Estado na organização do evento?

Há disputa política na organização do evento?

Entender as composições partidárias daquele país e enxergar embates por conta da organização do acontecimento esportivo. Há grupos contrários ao evento?

Reflexos internacionais

Como a imagem do país ou cidade sede foi vendida a outras partes do mundo? Como possíveis crises durante o evento foram tratadas pela imprensa internacional? As redes sociais captaram de que forma a repercussão desse acontecimento esportivo?

Pautas de economia na cobertura do grande evento esportivo devem andar juntas de cotidiano ou política. Caso contrário, textos sobre o assunto podem cair num economês ininteligível para o leitor interessado em conhecer mais da atmosfera da competição esportiva.

CrITÉRIOS macroeconômicos são levados em consideração na hora de se escolher o país ou cidade sede. Em 2009, o Rio de Janeiro levou o direito de sediar as Olimpíadas de 2016 enquanto o Brasil vivia bom momento na economia, com crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) beirando os 5% ao ano. A prin-

cipal concorrente, Madri, ainda vivia reflexos da crise europeia, que começara um ano antes.

Para pensar em pautas de macroeconomia na cobertura de entorno do evento esportivo, vale olhar as contas do Estado em relação aos planos de obras em arenas, mobilidade urbana, aeroportos e outros tópicos de infraestrutura.

Mas, assim como em política, é importante que se coloque o olhar em cima das pessoas que vivem naquele local. Humanizar as pautas de economia, e não simplesmente mostrar cifras do universo macroeconômico.

As melhores formas de se encontrar pautas humanizadas e relevantes de economia

17

Primeiro, entender o momento macroeconômico daquele país

Pesquisar sobre índices como crescimento anual do PIB. Como o país vinha crescendo à época em que foi eleito sede e no ano do evento? A quantas anda a dívida externa e interna? Organizar a competição pode ajudar a quebrar os cofres da nação ou atrairá mais investimentos?

Identificar como o governo local geriu as finanças para organizar o evento

Houve privatizações de serviços de infraestrutura, como aeroportos? Estádios são públicos ou privados? Como o governo vai arcar com todos os custos do evento? Houve ou haverá cortes em outras áreas?

Vendas e vendedores locais

Com mais turistas, o mercado na sede fica aquecido. A movimentação ocorre em lojas tanto de produtos típicos do local (acessórios, alimentos e roupas, por exemplo), quanto de peças licenciadas. Quem vende? Como é a vida desses vendedores? Eles já projetavam trabalhar durante o evento? O comércio melhorou para todos os comerciantes? Como é a política de licenciamento de produtos oficiais? As pessoas conhecem as regras?

Cultura

É uma parte que, na cobertura do entorno no grande evento esportivo, vai seguir lado a lado com a apuração em cotidiano. O repórter deve entender a rotina cultural daquela sede para transmitir a atmosfera de forma mais clara possível ao leitor.

A escolha das pautas referentes à cultura requer a observação do repórter nos hábitos de lazer dos moradores da região sede do evento esportivo. Observar o dia a dia das sociedades, tradicionais ou contemporâneas, ajuda a traçar o perfil cultural daquelas pessoas.

Outro foco é a programação cultural que ocorre na sede durante o evento. Shows, festas e exposições são formas de entreter o turista e o próprio morador durante aqueles dias de mobilização pelas competições esportivas.

Acompanhar as redes sociais pode dar uma boa ideia dessas trocas. Além de fazer compreender melhor modismos, como memes e bordões, a internet é usada pelos próprios atletas, que mostram um pouco do que observaram de novo naquele país diferente. Um exemplo desse intercâmbio cultural são os jogadores alemães na Copa do Mundo de 2014. Alguns deles, como Lukas Podolski, chegaram a postar em redes sociais em português e com *hashtags* (palavras marcadas com um “#”) comuns aos brasileiros com acesso à internet.

No entanto, para a **total**, as pautas não devem ser pensadas na urgência ou no factual. Novamente, não é interessante ao leitor simplesmente saber que milhares de pessoas foram às exhibições públicas das competições e assistiram a shows dessa ou daquela banda.

A ideia da revista nessa área é ambientar o leitor na modificação do dia a dia cultural daquela sede com a chegada de gente de várias partes do mundo. Ou, mostrar como os costumes locais prevaleceram e tiveram espaço nos dias de competição — por exemplo, com bares de samba lotados por estrangeiros durante a Copa do Mundo no Brasil.

Conhecer as características culturais da sede

O país partilha de características em comum com a cultura ocidental ou há um zelo maior pelos hábitos tradicionais? Quais são as festas populares que ocorrem no local? Há alguma durante o evento esportivo, como, por exemplo, as festas juninas, celebradas na mesma época da Copa do



Boa sorte hoje no jogo, estamos todos na torcida, muita raça, para frente #Brasil #CoraçãoVerdeAmarelo 🇧🇷🇵🇷 #poldi

Responder Retweeter Curtir Mais



Mundo de 2014? Se há, como elas se movimentaram com a chegada de turistas para as competições?

Observar as trocas culturais entre a população local, turistas e atletas

O que os habitantes da cidade ou país sede aprenderam com os turistas ou esportistas? O idioma foi uma barreira? Atletas se identificaram com aspectos da cultura local? Houve casos de choque com visitantes de países diferentes? Isso foi resolvido com humor ou houve tensão?

Ambientar-se aos modismos da época

O que faz sucesso no ano do evento em questão? Que músicas são as mais tocadas nas rádios e quem são os artistas preferidos? Eles comentaram sobre os jogos? Quais programas de televisão, filmes e séries fazem parte do cotidiano da população no país sede? O local já sediou alguma competição esportiva de grande porte anteriormente? Se sim, é possível comparar o que mudou entre esses dois acontecimentos? Por exemplo, quando o Brasil sediou a Copa do Mundo em 1950, o cantor e compositor Dorival Caymmi vivia o auge da carreira radiofônica no mundo do samba. Em 2014, o grupo Psirico emplacou o hit *Lepo Lepo* na internet. Até mesmo jogadores dançaram a música.

A apuração

O conteúdo da **total** deve ser de reportagens relacionadas ao entorno dos maiores eventos esportivos agendados, com textos de tamanho variável entre cinco e dez páginas considerando-se espaço para escrita e imagem.

A periodicidade, como já foi dito no item sobre a revista, é flutuante, uma vez que depende da data de organização de cada um desses eventos. A **total** deve estar pronta para a distribuição em até quatro semanas após o fim do torneio, com indicações descritas no anexo deste documento.

Esses princípios foram organizados de modo a dar tempo e espaço ao repórter para produzir reportagens com apuração precisa e contextualizada. Ou seja, o jornalista deve escrevê-las com o máximo de conhe-

cimento possível sobre o assunto para transmitir ao leitor a atmosfera do local que recebeu o evento.

Cada revista contará com um mínimo de seis e máximo de dez textos, a depender do andamento das apurações e das pesquisas de pré-produção que devem ocorrer antes de cada evento. Para que seja possível essa inserção do repórter dentro das pautas, ele não pode se comprometer em mais que três reportagens por edição.

As diretrizes para uma boa apuração dos assuntos que circundam a competição começam na escolha das pautas, segundo critérios apresentados no item anterior. A partir dessa seleção, o repórter deve manter a preocupação de passar ao leitor o conhecimento das histórias que correm naquela sede.



Pontos a serem percorridos na apuração

Não negligenciar a programação esportiva

Apesar de a revista não ter como foco a cobertura das competições em si, é importante entender o que acontece dentro dos estádios ou gramados. Pois, a partir dos resultados – que são de interesse de muitos habitantes daquelas sedes ou de espectadores do mundo, é possível observar mudanças no humor dos torcedores. Uma percepção positiva do evento pelo público pode cair caso perca a equipe para quem essas pessoas torcem.

Fracassos esportivos podem até significar derrota política para o governo em questão. A goleada sofrida pelo Brasil para a Alemanha nas semifinais da Copa do Mundo de 2014, por 7 a 1, foi vista por alguns articulistas e opositores do governo como negativa para a imagem de Dilma Rousseff, que provavelmente, segundo essas pessoas, vincularia uma conquista brasileira do Mundial ao Estado.

Frequentar espaços movimentados

Bares, restaurantes, shoppings centers e shows são procurados por turistas nas semanas do grande evento. Há também o aeroporto, onde há fluxo de espectadores – além de ser, na maioria das competições, um alvo das obras de legado. Tais espaços são bons para se conseguir personagens, prontos para dar opiniões diversas sobre a atmosfera do acontecimento, sejam eles visitantes ou locais.

Também é possível observar nesses locais a qualidade das estruturas turísticas e de lazer. Outra possibilidade é, com o comércio, observar na prática os efeitos micro ou mesmo macroeconômicos do grande evento naquela sede. Não se trata de centrar aí a apuração nem de procurar personagens em lugares comerciais e lotados, mas sim de aparecer nesses espaços para avaliar o clima dos visitantes e habitantes.



Conhecer os bairros distantes das sedes

Ouvir habitantes interessados e desinteressados e encontrar personagens

Ao encontrar cidadãos, o jornalista pode entender o grau de interesse e satisfação entre os habitantes em relação às competições esportivas. Consultar essas pessoas pode ilustrar aquilo que dizem os gráficos em pautas de economia ou política. Por isso, essa troca repórter-população é essencial para a produção da grande reportagem, que objetiva ir além do factual dos números.

Mesmo que a abordagem aos personagens seja urgente, o repórter deve se esforçar para coletar informações que permitam ao próprio autor da matéria contextualizar ainda mais aquela fonte. Apenas aspas com nome, idade e profissão não são suficientes para dar à fala motivação, e o leitor pode entendê-la apenas como um apoio aos números da reportagem. Vale ter o contato das fontes para possíveis encontros posteriores e prolongar a entrevista.

Exemplos de questões básicas a serem abordadas com o (a) entrevistado(a):

- Nome, idade, onde mora e profissão;
- O porquê de estar naquele determinado local (com o cuidado de não parecer invadir o espaço e a privacidade do personagem);

Ir além dos locais movimentados e alvo das ações de comércio e turismo referentes ao grande evento esportivo leva o repórter a entender como as melhorias prometidas para a cidade atingiram outros bairros. O papel do jornalista em tais lugares deve ser o de observador. Tomar nota das características de infraestrutura, urbanismo e transporte é um auxílio nas reportagens que explicam o efeito daquele acontecimento para a população.

Traçar um pequeno perfil dos entrevistados

- O que a pessoa pensa sobre a organização do evento naquela sede;
- Se ela usa com frequência aquele serviço (restaurante, transporte público, shopping...)

Dicas de questões complementares para perfilar o (a) entrevistado (a):

- Qual a rotina da pessoa? Como a família, se houver, acompanha essa rotina?
- Quais as preferências esportivas?
- A pessoa prefere quais rumos da política? Ela se considera libertária, conservadora ou o quê?
- Que ideia tem acerca dos países participantes?

São só alguns exemplos de questões, mas elas devem variar de acordo com o enfoque da pauta.



Ler e comparar dados sobre a sede

Apesar do enfoque humanizado na apuração, a matéria corre o risco de ficar imprecisa caso o repórter não forneça ao leitor números que quantifiquem os dados que se quer mostrar. Ou seja, de nada adianta dizer que os habitantes reclamam do alto valor gasto na construção do estádio quando não se sabe quanto custou e quanto outras arenas pelo mundo custaram. Humanizar a matéria não significa negar ao leitor a informação que justifique a pauta.

Conhecer um pouco da legislação do país e evitar conflitos

Saber sobre leis e costumes da cidade sede deixa o jornalista livre de muitos problemas. Países como a China e a Rússia mantêm postura de tolerância zero com alguns tipos de manifestações populares – e isso pode valer mesmo para repórteres que estejam lá apenas a trabalho. Sair de uma prisão ou escapar da deportação em situações como essas pode ser bem complicado e caro. Mais importante que a apuração é a integridade física do profissional que, se souber lidar com crises, pode até utilizar as proibições como informação para o texto.

Ouvir fontes oficiais

Assim como no item anterior, os organismos responsáveis pelo evento devem ser consultados, tanto para apresentar dados quanto para darem versões oficiais em caso de denúncias ou reclamações. É importante que o jornalista saiba como chegar às informações oficiais da competição esportiva e que escute as fontes. O repórter também precisa evitar escrever sobre a resposta oficial sem atribuí-la a um porta voz, mesmo porque, em grandes reportagens não urgentes, retornos de assessorias de imprensa engessam o texto. Para evitar que não haja fuga de assessores ou notas de resposta, uma saída é descrever as conversas com quem passaria as informações requeridas. Quem era a pessoa ao telefone? Como se chamava? Com qual tom ela evadiu a resposta?

Procurar autoridades em caso de crises

O repórter deve primeiro avaliar se para a apuração de determinada pauta realmente vale a pena se envolver em riscos com criminosos ou mesmo policiais locais. Entrar em locais de alta periculosidade ou em movimentações violentas como protestos com conflitos entre manifestantes e tropas de choque só pode ser feito se for de extrema necessidade para a pauta e para a **total**. Por isso, é de responsabilidade de toda a equipe procurar e disponibilizar entre si os contatos de autoridades do país sede e do Brasil, como o consulado brasileiro na cidade em questão.

O texto

Antes de explicar as orientações textuais, ressalta-se que o texto começa a ser produzido na própria apuração. Sem informações boas e relevantes o suficiente, dificilmente o repórter conseguirá relatar histórias interessantes ao leitor.

Com reportagens de até dez páginas, o repórter deve primeiro entender que o texto não pode cansar o leitor. Por isso, além da escrita fluida, é preciso usar artifícios como intertítulos, adereços e imagens.

Cuidados com a gramática fazem parte da função do repórter e do editor. Porém, as regras de estilo devem ser discutidas entre a equipe até que se chegue a um manual de redação. Manuais de veículos impressos de grande circulação no Brasil, como a *Folha de São Paulo*, *O Estado de São Paulo* e *O Globo* podem ser utilizados como base inicial.

O repórter também deve se lembrar de que o texto da grande reportagem em revista é diferente do jornalismo diário. Em vez de lides que respondam apenas “quem/o que/onde/ como/por que”, abres narrativos ou com descrições que ofereçam um panorama da pauta que se segue. Os primeiros parágrafos, é claro, devem desde o início deixar claro ao leitor sobre o que é a matéria. Por outro lado, são bem vindas narrativas, como perfis que contam da história e de rotinas de pessoas.

Com essa diferença em relação aos veículos de hard news, há maior espaço para a experimentação. Todos os textos, reforça-se, devem contextualizar o leitor no grande evento esportivo, mas isso pode ser feito de forma livre. Histórias em quadrinhos ou mesmo poemas podem substituir o padrão reportagem em casos excepcionais.

Como será visto no próximo item, a **total** é uma publicação que casará a imagem e a escrita. Portanto, o repórter precisa de pensar sempre em como fazer essa conexão com a arte. O contato com o artista necessita ser constante e a produção textual deve começar com o autor tendo em mente os desenhos das páginas – a serem combinados com o editor.



Abrir a matéria com a informação essencial

Mesmo em textos como perfis, os primeiros parágrafos devem fornecer ao leitor o porquê de aquela reportagem ser interessante e relevante.

Textos simples, não simplórios

A leveza da escrita é essencial para que o leitor não se perca em reportagens grandes. O autor deve procurar escrever sempre com frases na ordem direta, colocar falas de personagens e evitar amontoados de informações técnicas num mesmo parágrafo. Isso não quer dizer, no entanto, que o repórter possa se utilizar de clichês e frases que não acrescentem informação à matéria.

Cuidado com frases lamuriosas

Histórias de sofrimento e de caos não devem ser contadas apenas para que o leitor sinta dó e se emocione. O objetivo das pautas relacionadas a eventuais problemas sociais do país sede é informar sobre a situação socioeconômica do local em efeitos práticos, algo que geralmente só é divulgado em cifras e gráficos.

Explicar as competições quando citadas

A **total** cobre o entorno do grande evento esportivo, não as disputas em si. Por isso, se forem abordadas, é importante que o repórter parta do pressuposto de que o leitor não sabe nem é obrigado a saber sobre o campeonato. Por exemplo: não valeria, na Copa do Mundo de 2014, colocar aspas de um torcedor italiano frustrado com a eliminação se o texto não explica que a Itália estava no grupo da morte — o mais difícil, com Uruguai e Inglaterra — e sucumbiu diante da pouco expressiva Costa Rica no segundo jogo.

Contextualizar falas

No item sobre apuração, foi explicado que aspas de personagens ou fontes não devem aparecer soltas no texto, pois podem parecer meros suportes aos números. É importante apresentar textualmente o porquê de aquela pessoa ter sido entrevistada. Mesmo porta-vozes oficiais podem ser apresentados como os personagens — eles também são pessoas e têm motivações, gostos e impressões sobre os acontecimentos esportivos em questão

A imagem

O objetivo da **total** é dar ao público informações que facilitem a compreensão sobre o país ou cidade sede das competições esportivas tão atraídas pelos holofotes da imprensa. Assim, cada edição deve ter cuidados especiais com as imagens — artísticas ou fotográficas —, pois são elas que contextualizam visualmente o leitor no ambiente onde aconteceu o evento.

O projeto gráfico, detalhado no anexo, coloca no papel a ideia da **total** de presença em múltiplos lugares dentro da mesma sede daquele grande evento. A logo mantém a mesma fonte em todas as edições, mas detalhes como cores e texturas mudam — assim como as sedes dos torneios esportivos não são fixas.

Logo na capa, a **total** deve mostrar ao leitor que vai oferecer cobertura diferenciada do evento esportivo. A imagem da primeira página não pode ser nem tão genérica a ponto de não ter características sobre a sede nem ser específica demais em relação a apenas uma reportagem — o que também descaracterizaria a revista em relação ao objetivo de dar um panorama geral dos efeitos sobre o local que recebe as competições.

Portanto, a capa pode se valer tanto de ilustrações quanto de fotografias — de estúdio ou de cenários mostrados no decorrer da publicação. Isso dependerá do que for definido em reunião durante o grande evento: a tempo suficiente tanto para que já se tenha um panorama do que foi acontecendo quanto para a produção da imagem até ela ser publicada.

Nas reportagens, ilustrações e fotografias que acrescentem informação ao texto tomam a leitura mais prazerosa e tira o peso do excesso de letras e dados nas páginas. É interessante que a arte nos adereços tenha relação com a pauta. Por exemplo, em uma pauta sobre aeroportos, gráficos podem ser representados no formato de um avião ou de bagagens.

Para melhor explicar como a equipe da **total** deve guiar os cuidados com fotografia, ilustrações e diagramação, este item segue dividido em três. Cada eixo artístico precisa de andar junto um do outro, é claro, mas serão explicados em separado para que diretrizes específicas a cada um sejam definidas.

Fotografia

Captação máxima de imagens diversas

Para uma boa quantidade de fotografias, é preciso que haja esforço concentrado da equipe em fazer essas imagens sempre que possível. Além dos responsáveis pela área, repórteres, editores e outros colaboradores podem e devem ajudar. Essas fotografias necessitam ser diversificadas, ou seja, desde coisas simples como a porta de um restaurante até a visão que se tem dos estádios e dos pontos turísticos. Com mais alternativas e opções, é possível avaliar o que contextualizará melhor o leitor a cada matéria no ambiente do grande evento.

Acompanhar o repórter em todas as fases da apuração

Depende muito da quantidade de fotógrafos, mas é importante que quem ficar responsável pelas imagens esteja presente nos momentos de pesquisa jornalística. Isso é essencial para que se garanta fotos dos entrevistados e dos mesmos locais por onde o repórter passou. Assim, diminui o risco de que partes relevantes da reportagem fiquem sem correspondência imagética.



Ao fotografar pessoas, certificar-se de que a figura informa sobre a pauta

Da mesma forma que personagens não podem ser meros apoios ao texto, deve-se contextualizá-los quando aparecem em imagem na matéria. Se for um senhor vizinho ao estádio luxuoso e insatisfeito com as condições precárias em que vive, fotografá-lo de maneira que o leitor possa ver o porquê de ele reclamar da organização do evento.

Observar a cidade “ao natural” e transformada pelo grande evento

Ou seja, além de se fotografar elementos da vida cotidiana da sede, ter imagens de banners, faixas e outras mudanças causadas pela presença das competições no local indica o contraste e pode ser bem ilustrativo ao leitor.

Se necessário, imagens de agência

A **total** deve prezar por conteúdo produzido pelos próprios colaboradores. Porém, a informação completa é o objetivo da revista, que pode lançar mão de fotos de agências — desde que devidamente identificadas e, quando necessário, pagas.



Ilustração

Observar a arquitetura típica da cidade ou país sede

Desenhos de prédios podem ajudar o ilustrador a se inspirar nos desenhos que compõem as páginas. A ideia é que elementos arquitetônicos apareçam na revista como parte do projeto de ambientação do leitor.

Imaginar cada pauta como uma peça de arte

No entanto, em vez de apenas um artista, são pelo menos cinco. Deve-se manter a conversa constante entre repórter editor, fotógrafo, diagramador e ilustrador para que a página seja pensada não só textualmente, mas

em imagens. Por isso, é exigido o máximo de conhecimento possível da pauta por parte do responsável pela ilustração, que deve ainda ter contato com o texto para imaginar desenhos e mesmo sugerir infográficos para temas que possam ser explicados graficamente.

Estudar sobre as artes visuais típicas da sede

O ilustrador precisa ter contato com a história da arte no país onde ocorrem as competições. É dessa pesquisa que geralmente sai a logo oficial do evento, por exemplo. Explorar grafismos e esculturas é uma ferramenta para que o leitor identifique visualmente o local sobre o qual está lendo.

Diagramação

Obedecer à linha acordada nas reuniões de planejamento

Nas reuniões de diretrizes de cada edição, o diagramador deve discutir com a equipe de arte os critérios visuais da revista. É necessário que haja coerência entre as páginas que compõem a **total**, já que, por mais que tratem de pautas diferentes, falam sobre um mesmo assunto central que é o grande evento esportivo em questão.

Deixar uma página de abertura por matéria

Antes que o texto principal da reportagem se inicie, o diagramador deve pensar junto ao fotógrafo e ao ilustrador a arte que dá início à reportagem. É como se cada pauta tivesse uma capa própria, com alguma fotografia ou ilustração que represente, junto ao título, as ideias gerais do texto que se segue.

Criar, com o ilustrador, soluções visuais para os adereços

Espaços como “saiba mais”, “entenda o caso”, hipertextos e outros formatos de destaque textuais a serem definidos nas reuniões de planejamento devem ser pensados artisticamente. Isso para que os adereços não sejam apenas caixas de texto sem cor no meio

da página, mas para acrescentar informação visual. Por exemplo, destaques no formato da principal construção da cidade e gráficos numéricos representados por elementos abordados na reportagem.



Planejamento de Coberturas

29

Chile 2015	31
Canadá 2015	38
França 2016	48
Rio 2016	57
Calendário 2015	64

Primeiras Edições



30

Nesta parte, serão definidas as diretrizes preliminares de cobertura para as primeiras edições da **total**. São indicações gerais a respeito das características do evento, da sede e de onde pautas podem ser encontradas nas próximas grandes competições esportivas interessantes ao público brasileiro: Copa América, Euro, Copa do Mundo Fifa de Futebol Feminino – as três da mesma modalidade, e os Jogos Pan-Americanos e Olímpicos, poliesportivos.

A escolha dessas competições se deu pelo grau de interesse do público e mídia do Brasil em cada evento. Até as Olimpíadas de 2016, a Copa América de futebol e os Jogos Pan Americanos são os acontecimentos esportivos internacionais que mais atraem a atenção no país, com transmissões especiais em canais abertos e fechados das principais competições – que têm participação de atletas brasileiros.

O Campeonato Europeu de Futebol, conhecido como Eurocopa ou apenas Euro (no feminino), porém, também atrai atenções do público brasileiro por compreender algumas das melhores seleções do mundo da modalidade preferida no Brasil. Por isso, também há cobertura intensiva midiática nos veículos locais, gratuitos ou por assinatura.

Um caso excepcional é o da Copa do Mundo de Futebol Feminino, modalidade ainda sem apelo no Brasil, que em 2015 ocorre no Canadá. O torneio foi incluído na lista de coberturas para abordar questões relativas ao esporte feminino e à presença da mulher na organização de eventos. Isso será comentado mais a frente, no item específico sobre esse campeonato, que aparece em edição excepcional da **total** junto aos Jogos Pan-Americanos de Toronto, também no Canadá.

Em junho de 2016, ocorrerá também a Copa América Centenário, para comemorar os 100 anos do evento. A competição será nos Estados Unidos e deve reunir 16 seleções de todas as Américas. Porém, a edição não entra no calendário preliminar da **total** por falta de definições quanto às cidades sedes e informações relativas à organização do torneio.

Os itens a seguir tratam sobre cada uma das primeiras edições da **total** e trazem um primeiro panorama sobre a cobertura dos eventos. Não se trata de colocar de forma definitiva as pautas da revista, mas de apontar onde elas podem surgir de acordo com as características de cada competição e sede.



COPA AMÉRICA ³¹

Chile 2015

Modalidade: futebol masculino

Quando: de 11 de junho a 4 de julho

Onde: oito cidades chilenas (Santiago, Antofagasta, La Serena, Viña Del Mar, Rancagua, Concepción e Temuco)

Organização: Confederação Sul-Americana de Futebol (Conmebol)

Países participantes: 12

A competição

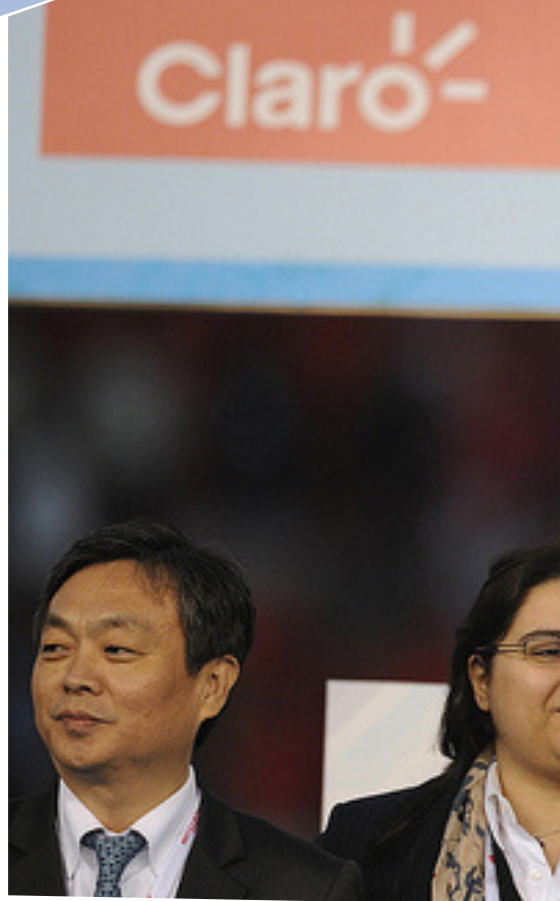
Conhecido como “o torneio de futebol mais antigo do mundo”, a Copa América teve a primeira edição em 1916, na Argentina, ainda como Campeonato Sul-Americano. Países da América Central e do Norte ou até de outros continentes – como o Japão, em 1999, começaram a participar somente em 1993, em edição promovida no Equador.

Diferentemente de outros torneios, a Copa América não tem eleição para sede nem eliminatórias. A escolha do país que receberá a competição segue apenas um rodízio entre os dez países integrantes da Confederação Sul-Americana de Futebol (Conmebol). Em 2015, segundo essa rotação, o evento deveria ocorrer no Brasil. Porém, o país já teria a Copa do Mundo de 2014 e terá ainda os Jogos Olímpicos de 2016.

Para não concentrar três grandes competições em curto espaço de tempo, a Conmebol e a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) concordaram, em maio de 2012, em trocar a sede para o Chile – que receberia a Copa América em 2019, ano cujo torneio vai ser promovido no Brasil.

A Copa América de 2015 é o primeiro campeonato disputado pelas seleções sul-americanas de futebol masculino desde a Copa do Mundo de 2014, e classifica o campeão para a Copa das Confederações de 2017, na Rússia. Essa importância atrai a atenção dos torcedores brasileiros e de outros países com tradição futebolística no continente. A empresa de marketing esportivo contratada pela Conmebol para a organização comercial do evento, a Traffic, estima que a competição movimente, só em direitos de transmissão para o Brasil, US\$ 31 milhões – algo em torno de R\$ 80 milhões.

Torcedores esperam que a Copa América de 2015 seja uma das mais edições mais disputadas da história. Cinco seleções sul-americanas, além do



México, chegaram à segunda fase da Copa do Mundo de 2014. Atual vice-campeã mundial, a Argentina é uma das favoritas ao título. O Chile também tem chances, já que joga em casa e vem de uma boa campanha em 2014 na qual venceu a Espanha e quase eliminou o Brasil. Brasileiros, por sua vez, tentam se recuperar do vexame do Mundial para ganhar mais uma vez a Copa América. Colômbia e Uruguai também podem despontar. Completam o grupo de equipes classificadas: Equador, Venezue-



la, Paraguai, Peru, Bolívia e Jamaica, convidada da América Central.

As 12 equipes serão divididas em três grupos, encabeçados por Chile, Argentina e Brasil. O líder e o vice-líder de cada chave passam para as quartas de final. Dois dos três terceiros colocados também se classificam para a segunda fase. A decisão está marcada para 4 de julho, no Estádio Nacional do Chile, em Santiago.

O país

A Copa América de 2015 é a oportunidade para o Chile mostrar, pelo menos às outras nações sul-americanas, que o Estádio Nacional em Santiago é local de esporte. Em 1973, após o golpe que deu poder ao general Augusto Pinochet até 1990, a arena foi utilizada como campo de tortura e execução de pessoas acusadas de rebeldia ao regime recém-instalado. A Cruz Vermelha Internacional estima que sete mil prisioneiros chegaram a ocupar o espaço de uma só vez.

Hoje, sob a batuta da socialista Michelle Bachelet, o Chile tem economia com boa taxa de crescimento do Produto Interno Bruto — 4,4% em 2013, à frente de outras nações sul-americanas como Argentina, Bolívia, Brasil e Colômbia, e passa por um momento democrático estável, com eleições a cada quatro anos. A atual presidente, que governara entre 2006 e 2009, foi novamente eleita em 2013 após governo do líder da direita chilena, Sebastián Piñera. No Chile, a reeleição não é permitida.

A economia chilena é baseada na mineração, que representou 59,5% das exportações do país em 2012. Os dados são do Banco Central Chileno. O turismo também é uma atividade econômica explorada no país. Locais como o Deserto do Atacama — rico em minérios e base de estudos sobre topografia —, lagos da Cordilheira dos Andes e a Ilha de Páscoa, no Oceano Pacífico, além da cosmopolita capital Santiago, atraem pessoas principalmente de outros países da América do Sul, que responderam por 58,1% dos 3.569.744 turistas que o Chile recebeu em 2013. Desse total, 10,1% eram brasileiros.

Partindo desse panorama geral a respeito do Chile, é possível traçar um esboço de onde partirão os assuntos da edição número um da **FOFOL**, com a cobertura da Copa América de 2015. Não se trata de apresentar pautas prontas, até porque elas devem ser justificadas pelo repórter em consonância com o restante da equipe e, quando possível, após um tempo de imersão no país ou cidade sede. A ideia

é mostrar indicações sobre tópicos a serem abordados na publicação.

Torturas no estádio

O general Augusto Pinochet chegou ao poder em 1973, com apoio do então presidente norte-americano Richard Nixon — que viria a renunciar ao mandato um ano depois por acusações de espionagem na campanha eleitoral. Em 11 de setembro de 1973, após cerco ao Palacio de La Moneda, sede do governo, o então presidente Salvador Allende se matou, segundo a versão oficial do Governo do Chile. A família de Allende alega que ele teria sido assassinado pelas tropas pró-Pinochet. O motivo para a tomada dos poderes por militares seria a aproximação de Allende, socialista, com a União Soviética, o que não fora bem aceito pelos Estados Unidos.

Com o início do governo da *junta*, a equipe militar de transição, rebeldes ao regime instalado passaram a ser perseguidos. Tortura e desaparecimentos aterrorizavam a população chilena, que estava dividida entre apoiadores e opositores às tropas de Pinochet. A Organização das Nações Unidas (ONU) estima que cerca de 250 mil pessoas foram presas entre a tomada do poder pelos militares, em 12 de setembro de 1973 até dezembro do mesmo ano. Na ocasião exército passou a usar o Estádio Nacional do Chile — mesmo local onde Garrincha levou o Brasil ao bicampeonato na





Copa do Mundo de 1962 – como prisão. Relatórios da Anistia Internacional indicam que as condições dos prisioneiros eram degradantes, com mulheres trancadas no vestiário da arena, torturas e assassinatos inclusive a crianças.

O estádio, hoje, recebe jogos do Universidad de Chile, um dos principais times de futebol do país e é casa da seleção chilena, que jogará toda a primeira fase da Copa América em Santiago. Portanto, o histórico da arena como parte da história política da nação deve ser levado em conta na pesquisa por pauta da equipe **total**. Encontrar pessoas presas no Golpe de 1973 e relatar as impressões que elas têm ao saber que o espaço vai receber o campeonato mais importante da América do Sul pode render boas histórias para a revista. Sem se esquecer, é claro, das questões éticas relativas a esse tipo de apuração, como a abordagem ao povo chileno sobre esse fato histórico terrível na história da nação.

área **756.096,3 km²**

17.819.054 de habitantes em **2004**

35

capital **Santiago**

idioma **Espanhol**

posição no ranking do PIB **38^o***

posição no ranking do IDH **41^o****

* Fundo Monetário Internacional, 2013

** Organização das Nações Unidas, 2014

O país



Vinícolas chilenas (Foto: Fsanchezs)

Produção de vinhos

O Chile aparece na oitava posição entre os maiores produtores de vinhos do planeta de acordo com a Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO, na sigla em inglês), atrás de países como a China, cujas uvas não estão entre as mais sugeridas por *sommeliers*. Porém, vinícolas espalhadas pelo país atraem o enoturismo, ou seja, viajantes em busca de tipos diferentes da bebida.

A tradição chilena nos vinhos tem influência francesa e espanhola. Da Europa, vieram uvas como *pinot noir*, *carménère*, *malbec* e *carbnetet sauvignon*. Produtores, desde a época da colonização do país pela Espanha, encontraram no Chile clima e solo ideais para a plantação de videiras. As áreas ao redor de Santiago, por exemplo, têm clima temperado semelhante ao de países como regiões viníco-

las da França, com invernos frios sem chegar a sofrer com fortes nevascas, e verões com temperaturas entre 15°C e 30°C.

Conhecer a tradição do Chile na viticultura pode levar o repórter a encontrar pautas de economia, com a observação de índices sobre vendas de tonéis, cotidiano e cultura, ao perceber como nativos e turistas incorporam o vinho na rotina. Uma boa indicação é conhecer vinícolas e pessoas que nelas trabalham. Elas têm algum tipo de expectativa de vendas ou mesmo de turismo com a Copa América? Como cidades sedes em regiões de produção de vinhos como Coquimbo investem no enoturismo para impulsionar o comércio durante o evento? A pesquisa jornalística nessa área pode levar o autor a abordagens interessantes sobre uma das bebidas mais consumidas no mundo e no Brasil.

Nuances territoriais

Visto de um mapa, o Chile parece um país achatado ao longo da costa sul-pacífica da América do Sul. Enquanto a maior distância leste-oeste é de apenas 177 km, 4.270 km separam os extremos norte e sul do país. Isso indica que a nação apresenta variações culturais e naturais entre as duas pontas.

Uma interessante linha de apuração seria ir atrás dessas diferenças entre norte e sul. Repórteres podem procurar sobre o modo de vida da população que vive próximo ao deserto do Atacama, assim como entender como é a rotina dos habitantes de regiões geladas da porção chilena da Patagônia. Além, é claro, de observar as características naturais desses lugares.

Rivalidades sul-americanas

Apesar do apelo televisivo, com transmissão nos principais canais de televisão abertos ou pagos, a Copa América não chega a mobilizar a presença de turistas da mesma forma que Jogos Olímpicos ou a Copa do Mundo fazem. Nunca foi o caso de que mais aeroportos ou obras de infraestrutura fossem construídas ou ampliadas somente por causa da competição continental.

Isso não significa, no entanto, que não se deva esperar maior fluxo turístico no Chile com vistas à Copa América. São indicativos de um maior número de turistas os bons resultados de países sul-americanos na Copa do Mundo de 2014, quando cinco dos seis times classificados passaram para a segunda etapa do torneio, e a presença maciça de torcedores desses locais — que foram ao Brasil em caravanas de motocicletas, vans de família e até mesmo trailers. Porém, não há expectativas em números por parte do Governo Chileno para o torneio de 2015.

Mesmo que não se cumpra a expectativa informal de que haja no Chile alto número de espectadores de outras nações, a quantidade de turistas da América do Sul é alta: 143.682 pessoas, ou seja, 74,44% dos visitantes que entraram

Entre as sedes da Copa América, Temuco é a que aparece mais ao sul. Com vegetação composta por pinheiros e vista para as montanhas nevadas, a cidade de clima temperado mediterrâneo lembra paisagens europeias. No extremo-norte, a litorânea Antofagasta fica em local de clima desértico, mais quente e seco.

Ainda sobre essas variações geográficas do Chile, o turismo de inverno é outro assunto que deve ser explorado pelo repórter. A probabilidade de neve durante a Copa América, que ocorre no inverno chileno, é pequena, mas não deve ser descartada. Estações de esqui como Valle Nevado, a cerca de 40 km de Santiago, podem receber maior fluxo de turistas durante o torneio.

no país em junho de 2014 eram sul-americanos. Argentinos, bolivianos, brasileiros e peruanos formam quase 60% dessa estatística, segundo o Ministério do Turismo chileno.

Assim, a possibilidade de um torneio disputado com pelo menos cinco seleções com chances de título deve esquentar o caldeirão de rivalidades no futebol sul-americano, que tem essas disputas mais acirradas que em outros continentes. Brasileiros contra argentinos e chilenos contra peruanos podem protagonizar brigas perigosas, ao mesmo tempo em que têm potencial para serem personagens de histórias sobre viagem em grupos ou caravanas e convívio entre fãs de times rivais.

Algumas dessas disputas ultrapassam o campo de futebol e chegam à política da América do Sul. Um exemplo é a disputa do litoral ao redor da cidade de Arica, norte chileno. O espaço é reivindicado por bolivianos como uma saída natural do país ao Oceano Pacífico. Para entender os efeitos de atritos assim, convém ao repórter participar das interações entre torcedores e enxergar possíveis histórias que coloquem o leitor dentro daquela atmosfera de disputa.



38

Modalidade: futebol feminino

Quando: 6 de junho a 5 de julho de 2015

Onde: seis cidades canadenses (Edmonton, Moncton, Montreal, Ottawa, Vancouver e Winnipeg).

Organização: Federação Internacional de Futebol (Fifa)

Países participantes: 24

A competição

Disputada pela primeira vez em 1991, na China, a Copa do Mundo Fifa de Futebol Feminino partiu do interesse da federação em promover o esporte entre mulheres por outros países, uma vez que tal categoria já era bem praticada e aceita em nações asiáticas e nos Estados Unidos – que foi a primeira seleção vencedora do torneio. A periodicidade, assim como a versão masculina do torneio, é de quatro em quatro anos.

Habitantes da América do Norte, tanto dos Estados Unidos quanto do Canadá, têm uma relação com o futebol feminino diferente do restante do mundo. Enquanto em outros países mulheres nunca foram bem aceitas na modalidade, escolas e universidades investem no soccer como prática desportiva. Norte-americanos, por outro lado, enxergam o futebol para homens como esporte escolar, algo que começou a mudar com o maior fluxo de imigrantes de latinos – tradicionais fãs da modalidade – na região.

Estados Unidos e Alemanha, com dois títulos cada, são os principais campeões da história da Copa do Mundo de Futebol Feminino. A atual seleção campeã é a japonesa, que conquistou o título inédito em 2011 em terras alemãs, enquanto o time da casa, favorito ao tri, caiu nas quartas de final. As norte-americanas, porém, devem chegar com favoritismo pela medalha de ouro conquistada nas Olimpíadas de 2012 e como líderes do ranking da Fifa.

O Brasil ainda não venceu uma Copa do Mundo de Futebol Feminino. Na China, em 2007, chegou à final,



mas perdeu por 2 a 0 para a Alemanha. A década de 2000 foi a mais proveitosa para as brasileiras, com duas medalhas de prata em Jogos Olímpicos (2004 e 2008) e a eleição da jogadora Marta como a melhor do mundo pela Fifa por cinco vezes consecutivas entre 2006 e 2010.

A primeira partida de futebol feminino no Brasil ocorreu em 1921, em São Paulo, entre os times Senhoritas do Tremembé e Senhoritas da Cantareira. Há poucos registros históricos dessa partida. Duas décadas depois, durante o Estado Novo de Getúlio Vargas, o esporte caiu na proibição por ser considerado contra a moral e bons costumes. Apenas em 1981 a lei foi revogada. Sete anos mais tarde,

foi convocada a primeira Seleção Brasileira de Futebol Feminino para disputa de amistosos e pequenos torneios internacionais até a participação na primeira Copa do Mundo da modalidade na história, em 1991. Na ocasião, o Brasil acabou eliminado na primeira fase.

A edição de 2015 do campeonato será a primeira a contar com 24 países. Até então, 16 seleções participavam. A Fifa atribuiu o motivo à expansão do futebol feminino pelo mundo. Algo discutível, pois, das oito vagas novas, metade foram para países europeus, contendo agora classifica oito seleções. A Ásia, com tradição no esporte coletivo feminino – países do extremo oriente, como China, Japão e as duas Coreias, têm times de vôlei e

basquete com desempenho superior às equipes masculinas –, terá cinco participantes, dois a mais que em 2011.

As 24 seleções serão divididas em seis grupos com quatro times. Os dois primeiros colocados de cada um têm classificação garantida para as oitavas de final, assim como os quatro melhores terceiros colocados de cada chave. Nessa fase, as 16 equipes restantes disputam jogos eliminatórios até a final, marcada para 5 de julho em Vancouver, na costa oeste do Canadá. Toronto não será sede da Copa do Mundo de Futebol Feminino justamente para que não haja sobrecarga na cidade, uma vez que o evento ocorre em intervalo de tempo muito próximo dos Jogos Pan-Americanos.





Pan Am
TORONTO
2015

41

Modalidade: diversas (36, no total)

Quando: 10 a 26 de julho de 2015

Onde: Toronto com outras 14 cidades de apoio no sul do estado canadense de Ontario.

Organização: Organização Desportiva Pan-Americana (Odepa)

Países participantes: 41

A competição



e México em 2011) e perto de alcançar Cuba, país que tenta continuar a hegemonia de se manter no segundo lugar.

O bom desempenho cubano nos Jogos Pan-Americanos tem explicação no investimento do regime Castro no esporte escolar de alto rendimento. Antes do fim da revolução em Cuba, em 1959, movimento que deu a Fidel Castro o poder na ilha, o país havia conquistado somente 12 medalhas em Jogos Olímpicos — 11 delas na esgrima, nas edições de 1900 (Saint Louis, Estados Unidos) e 1904 (Paris, França). Na competição continental, o país mais que quadruplicou o número de ouros em apenas quatro anos: de sete em Winnipeg-1967, foi a 31 em Cali-1971. O auge ocorreu em casa, na edição de Havana-1991, quando a nação chegou 140 vezes ao topo do pódio e ultrapassou pela primeira vez os Estados Unidos no ranking.

A evolução dos resultados cubanos no esporte foi gradual após o início do governo socialista: Cuba passou a integrar o top-10 do quadro de medalhas olímpico entre 1976 e 2000. O colapso da União Soviética em 1991 diminuiu a transferência de recursos para o país, o que implicou resultados negativos para a ilha em competições a partir da década de 1990. Nos Jogos Olímpicos de Londres, em 2012, Cuba não conseguiu mais que 14 medalhas, metade do que conquistara 20 anos antes em Barcelona, quando obteve o melhor desempenho.

Delegações de países latino-americanos geralmente contam com os principais atletas de cada modalidade uma vez que, como não têm tanta tradição em Jogos Olímpicos, utilizam o evento continental como competição onde há maior chance de vitória e, assim, de treinamento e qualificação para torneios posteriores. No entanto, essa participação de equipes sem muita qualidade técnica afugenta o interesse de esportistas de alto rendimento. Por exemplo, a Jamaica não deve levar a Toronto campeões mundiais de atletismo como Usain Bolt e Shelly-Ann Fraser-Pryce.

Poucos dias após o fim da Copa do Mundo de Futebol Feminino, o Canadá volta a receber um evento esportivo de grande porte. A 17ª edição dos Jogos Pan-Americanos — ou Pan, como é conhecido pelo público brasileiro — será a maior competição já recebida pelo país na história em número de atletas — a estimativa do comitê organizador é que cerca de seis mil competidores participem, número equivalente ao das Olimpíadas de Montreal, em 1976.

Participam dos Jogos Pan-Americanos delegações de 41 países das Américas. A primeira edição ocorreu em 1951, em Buenos Aires (Argentina). O Brasil já sediou duas vezes a competição: em 1963, na cidade de São Paulo, e em 2007, no Rio de Janeiro. A periodicidade do evento é quadrianual, sempre um ano antes dos Jogos Olímpicos. Por isso, o evento serve como classificatório continental às Olimpíadas posteriores em modalidades como o handebol.

O Brasil tem tradição nos Jogos Pan-Americanos e está em quarto lugar no quadro de medalhas histórico da competição, atrás dos Estados Unidos, de Cuba e do Canadá. Em cada uma das duas últimas edições, a delegação brasileira se consolidou na terceira colocação em número de medalhas de ouro sem ser ameaçada pelo quarto colocado (Canadá em 2007

Sabendo disso, os Estados Unidos enviam aos Jogos Pan-Americanos delegação muito mais fraca que a enviada às Olimpíadas. No basquete, modalidade na qual o país venceu 14 das 17 edições de Jogos Olímpicos que disputou, a seleção norte-americana é geralmente composta por jogadores universitários, o que abre caminho para equipes como a do Brasil, campeão Pan-Americano três vezes consecutivas, entre 1999 e 2007.

O Brasil, inclusive, é exceção a esse boicote de atletas de nível intercontinental. Campeões mundiais e olímpicos como Fabiana Murer, do salto com vara, e César Cielo, da natação, participam dos Jogos Pan-Americanos e conquistam medalha de ouro com certa tranquilidade. No vôlei, esporte coletivo no qual o país tem mais tradição, os times principais masculinos e femininos também são enviados.

Essa é uma forma de o Comitê Olímpico Brasileiro (COB) atrair visibilidade com os Jogos Pan-Americanos. Nos anos 1980, canais abertos da televisão transmitiam ao país as principais modalidades de forma semelhante ao que é feito com Jogos Olímpicos. A década de 1990, porém, representou um declínio para a cobertura da competição. Em 1995, na cidade argentina de Mar del Plata, apenas a rede CNT transmitiu os jogos, que passaram em branco pelo jornalismo esportivo à época. Na ocasião, o Brasil ficou apenas em sexto lugar no quadro de medalhas.

Porém, a partir da escolha do Rio de Janeiro em 2002 como sede dos Jogos Pan-Americanos de 2007, a imprensa brasileira voltou a dar importância à competição. A edição de 2003, em Santo Domingo, teve transmissão das principais provas em canais abertos (Globo e Bandeirantes) e ganhou páginas especiais em portais online, como Terra e UOL. Isso tendo em vista a cobertura dos jogos a serem promovidos no Brasil quatro anos mais tarde, quando o tratamento dos meios de comunicação foi bem mais amplo. Três emissoras abertas brasileiras de televisão exibiram o Pan de 2007, que ganhou ainda espaço nas manchetes dos maiores jornais do país.

O interesse na cobertura dos Jogos Pan-Americanos, desperto novamente em 2007, levou a Record a comprar os direitos

exclusivos da última edição, em Guadalajara-2011, e a não repassar as imagens a canais fechados. Em veículos online, porém, houve cobertura intensiva dos principais portais, além de transmissão por streaming da maior parte das modalidades. Para 2015, a emissora — que havia comprado também a exclusividade nos Jogos Olímpicos de Londres-2012 — revendeu os direitos para o canal fechado Sportv.

Isso é um indicativo de como a imprensa brasileira se interessa pelos Jogos Pan-Americanos. Coberturas intensivas, com o mesmo tratamento dado aos Jogos Olímpicos, são raras. No entanto, entender o Pan — enquanto evento esportivo — oferece um panorama sobre o desempenho do país perante outras nações em desenvolvimento no esporte, além de indicar esportistas com chance de crescimento para as Olimpíadas do ano seguinte.



O país

Rico, politicamente estável e com boa qualidade de infraestrutura urbana, o Canadá é sempre considerado opção para sediar eventos. O país está entre os líderes de todos os rankings relativos a desenvolvimento humano e econômico. Nem a recessão pela qual passou entre 2008 e 2009 afetou gravemente as finanças canadenses, que hoje crescem em ritmo moderado, com média de 2% ao ano.

Culturalmente, o país herda influências dos vizinhos norte-americanos. O próprio sotaque do inglês falado na maior parte do Canadá é similar ao dos Estados Unidos. Até mesmo ligas esportivas de modalidades como hóquei, beisebol e futebol americano têm participantes dos dois países.

Cidades canadenses foram candidatas 16 vezes a receber os Jogos Olímpicos. Porém, apenas em três ocasiões o país venceu: Montreal em 1976, para as Olimpíadas de Verão, Calgary em 1988 e Vancouver em 2010, para os Jogos de Inverno. Pouco, se comparado ao vizinho Estados Unidos, que foram oito vezes a casa da competição. Como o futebol local não tem tanta tradição, a nação nunca foi palco de Copas do Mundo.

Será a terceira vez que o Canadá organiza Jogos Pan-Americanos. As duas outras edições ocorreram em Winnipeg, no estado de Manitoba, nos anos de 1967 e 1999. Toronto, que recebe o evento em 2015, é a maior cidade do Canadá (5.583.064 habitantes) e nunca foi sede de uma competição esportiva de tal porte. No futebol, o território canadense foi campo para a Copas do Mundo Sub-17 em 1987, Sub-20 em 2007, feminina Sub-19 em 2002 e feminina Sub-20 em 2014. Na última, com a exceção de Toronto, foram utilizados os mesmos estádios do Mundial de Futebol Feminino de 2015, como forma de testar as instalações e promover o torneio maior.

Tais eventos demandam estrutura menor do que aquelas competições de apelo intercontinental como a Copa do Mundo masculina e os Jogos Olímpicos. Não é necessário mais de um grande estádio – entende-se por “grande” arenas com capacidade superior a 60 mil, o mínimo exigido pela Fifa para que um espaço receba finais de Mundiais de futebol e número próximo à média de assentos em sedes de abertura e encerramento de Jogos Olímpicos.

Apesar de não contar com muitas opções de grandes estádios, a estabilidade financeira do Canadá e as boas condições dos espaços esportivos existentes fazem do país um destino seguro para a promoção de eventos. Um desafio para as organizações, no entanto, é a dimensão continental do território canadense, o segundo do mundo, atrás apenas da Rússia.

área 9.984.670 km²

35.540.419 de habitantes em 2004

capital Ottawa

idiomas Inglês e Francês

posição no ranking do PIB 11^o *

posição no ranking do IDH 8^o **

* Fundo Monetário Internacional, 2013

** Organização das Nações Unidas, 2014

De Toronto, maior cidade próxima à costa leste, a Vancouver, na costa oeste, são 4,4 mil km. De avião, essa distância é percorrida em cerca de quatro horas e meia. Isso dificulta o deslocamento de equipes e da logística dos eventos, pois viagens de avião são mais caras, principalmente se envolverem equipamentos de grande porte. Países europeus, com áreas equivalentes a estados brasileiros, permitem que delegações e comitivas transitem por terra, com trens ou ônibus.

Mesmo com essa dimensão continental, a população canadense se concentra em cidades ao sul, próximas à fronteira com os Estados Unidos. O principal motivo é que, como o país se localiza em altas latitudes, bem ao

norte, quanto mais próximo do polo, menor é a temperatura. Termômetros nas planícies que circundam a baía de Hudson chegam facilmente à casa dos -30°C , frio que impede até mesmo o crescimento de vegetais no solo.

Para explorar intensivamente esses tópicos relativos ao Canadá, a **total** abordará, excepcionalmente na mesma edição, os dois eventos que ocorrerão no país. Essa é uma forma de focar a cobertura nas sedes e reforçar o compromisso da revista em oferecer o leitor o panorama do clima das competições. A seguir, indicações de assuntos a serem pesquisados sobre o país sede e a atmosfera da Copa do Mundo de Futebol Feminino e dos Jogos Pan-Americanos.



Machismo e esporte

Aqui, entra a discussão sobre a presença feminina no esporte. O futebol, enquanto estigmatizado como modalidade essencialmente masculina na maior parte da América Latina, é bastante praticado por mulheres no Canadá e nos Estados Unidos. As canadenses são, inclusive, atuais medalhistas de bronze nos Jogos Olímpicos e as ianques, de ouro.

Esse assunto deve ser colocado em pauta não apenas durante a Copa do Mundo de Futebol Feminino. A disputa em esportes vistos como “para homens” nos Jogos Pan-Americanos, como lutas e levantamento de peso, também merece ser explorada. O repórter necessita comparar a recepção do esporte feminino nos diversos países em disputa. No caso do futebol, como explicado anteriormente, nações asiáticas têm desempenho melhor com mulheres do que com homens.

Enquanto isso, o Pan aparece como oportunidade para observar o preconceito na América Latina, região ainda conservadora e fortemente ligada à religião, principalmente católica. Visões religiosas podem conectar a prática esportiva feminina a um suposto desvirtuamento do papel da mulher.

O repórter deve comparar o nível de aceitação do esporte feminino na sede, o Canadá, com o de outros países, e assim entender por que o futebol local, por exemplo, apresenta melhores resultados na variante para mulheres. Isso deve ser feito em conversas, com canadenses e estrangeiros, e por meio da observação das reações dos espectadores. Ler e ouvir histórias de atletas do gênero também podem indicar bons caminhos na fase de pré-apuração.

Povos indígenas

Outra questão relativa à identidade nacional do Canadá são os povos nativos do país. Ativistas inuits (etnia esquimó canadense) e indígenas que compõem o grupo First Nations (Primeiras Nações, em tradução ao português) reivindicam por direitos relativos à posse de terras no país, que foram perdidas com a exploração britânica e francesa.

Desde a independência do Canadá, há movimentos pelo reconhecimento da cultura



nativa daquele país. Em Vancouver, nos Jogos Olímpicos de Inverno de 2010, tendas, exposições e mesmo apresentações durante as cerimônias de abertura e encerramento homenagearam povos indígenas do país.

Mesmo hoje, descendentes dessas etnias sofrem com a discriminação. O histórico de ganhos de jovens filhos e netos de aborígenes piora a inclusão indígena no Canadá. Porém, um ato assinado em 1984 pela igualdade de condições de emprego incluiu descendentes das First Nations em equiparação a outros grupos desfavorecidos profissionalmente: mulheres, deficientes e outras minorias étnicas, como estrangeiros.

A equipe de reportagem da **total** deve buscar contato com representantes inuits e do grupo First Nations para compreender os desafios da inclusão sociocultural. A relação dessas pessoas com os eventos esportivos, as preferências em cada modalidade e a presença de indígenas nas competições são tópicos a serem observados pelo repórter.

Québec e o idioma

Assunto obrigatório na **total** por envolver as questões políticas e culturais do país sede, a região francófona do Canadá deve ser estudada pelo repórter. O sentimento separatista chega a interferir diretamente na torcida? Há cidadãos do Québec que torcem contra os atletas canadenses por não se sentirem representados?

O estado do Québec foi colonizado por franceses entre o século XVI e 1760, quando passou ao domínio britânico após invasão de tropas inglesas no território. O exército do Reino Unido pretendia conquistar a região ao mesmo tempo em que precisavam manter o controle nas Treze Colônias, que 16 anos mais tarde se transformariam no que se conhece hoje por Estados Unidos.

Desde a independência total canadense da Grã-Bretanha, em 1931, com assinatura do Estatuto de Westminster, o Québec passou por movimentos que pediam a independência e o reconhecimento da região como estado nacional. Organizações como o Front de Libération du Québec (FLQ, ou Frente de Libertação do Quebec, em tradução livre do francês) agi-

ram de forma violenta na década de 1960, com ataques a bomba que deixaram pelo menos cinco mortos.

O FLQ foi desmantelado pela polícia canadense ainda em 1970, e desde então a convivência do Québec com o Canadá tem sido pacífica. Plebiscitos tiveram resultados contrários à autonomia da região, que permanece com o lema “*Je me souviens*”, ou seja, “eu me lembro”, em francês. A maior cidade do estado, Montreal, é a única do país a ter sediado os Jogos Olímpicos de Verão e receberá nove partidas da Copa do Mundo de Futebol Feminino de 2015, inclusive uma das semifinais.

Para o torneio de futebol, vale identificar a presença dos québecois na torcida a favor ou contra o Canadá. Os Jogos Pan-Americanos, por sua vez, pode ser a oportunidade para observar e entender a cultura francófona em Toronto. Saber como canadenses aprendem a língua francesa e se habitantes do Québec se comunicam bem em inglês com compatriotas do outro lado do país pode levar a boas histórias e tornar leve um assunto caro e complicado para o maior país das Américas.





TM

UEFA
EURO2016
FRANCE

Modalidade: futebol masculino

Quando: 10 de junho a 10 de julho de 2016

Onde: dez cidades francesas, (Saint-Denis, Paris, Lens, Lille, Lyon, Saint-Étienne, Nice, Marselha, Toulouse, Bordeaux)

Organização: União Europeia de Futebol (Uefa, na sigla em francês)

Países participantes: 24

A competição

O Campeonato Europeu de Futebol, ou Euro, foi por muito tempo chamado de “a Copa do Mundo sem Brasil e Argentina”, já que as maiores forças do futebol mundial estão no Velho Continente. Embora equipes asiáticas, africanas e norte-americanas tenham melhorado a partir dos anos 2000, quando países como Senegal, Coreia do Sul, Gana e Costa Rica surpreenderam nos Mundiais, a Europa ainda domina no cenário da modalidade. Desde 2006, somente nações europeias levantaram a Copa do Mundo – Itália, Espanha e Alemanha.

Assim, torcedores esperam que a Euro de 2016 reúna, na França, times com grandes jogadores, como a Alemanha de Thomas Müller, a Holanda de Robin van Persie e a Itália de Mario Balotelli. Serão 24 seleções – um acréscimo de oito países a mais em relação aos torneios anteriores. Isso significa que quase metade – 44,4% – das 54 nações associadas à União Europeia de Futebol (Uefa) participará do campeonato.

Com exceção da França, classificada automaticamente como país sede, as seleções europeias disputam entre 2014 e 2015 as eliminatórias da Euro. São nove grupos com seis ou cinco equipes. As duas primeiras colocadas em cada chave se classificam e os terceiros disputam repescagem. As nações qualificadas serão conhecidas em novembro de 2015.

O formato da fase principal da Euro, em 2016, é semelhante ao do Mundial de Futebol Feminino: seis grupos com quatro times e os dois líderes de cada

mais os quatro melhores terceiros lugares avançam para as oitavas de final. O vencedor do torneio, assim como acontece na Copa América, se classifica para a Copa das Confederações de 2017, na Rússia.

Será a chance para a equipe espanhola, atual bicampeã europeia (2012 e 2008) se reerguer após o fiasco na Copa do Mundo de 2014, quando caiu na primeira fase. A Alemanha, campeã do Mundo, jogará para confirmar a boa fase no futebol e vencer o torneio continental pela primeira vez desde 1996. A França aparece como outra candidata ao título após desempenho bom no Mundial do Brasil, quando caiu nas quartas de final, e terá apoio da torcida.

A expectativa da Uefa é de que 150 milhões de pessoas pelo mundo assistam às 51 partidas da Euro 2016, o que deve arrecadar, segundo a entidade, cerca de um bilhão de euros com publicidade. No Brasil, a detentora dos direitos de transmissão é a Rede Globo, que provavelmente vai repassá-los a canais pagos.

O interesse do público brasileiro na Euro está em assistir a lances de atletas considerados ídolos. As ligas que movimentam mais dinheiro e jogadores de alto rendimento estão na Europa. Dos 23 jogadores da Seleção Brasileira que disputou a Copa do Mundo de 2014, 19 atuavam em times de países no Velho Continente. Portanto, diferentemente de outros campeonatos que fazem o espectador do Brasil torcer, a Euro atrai fãs de futebol pela qualidade técnica das equipes.

O país

Franceses se preparam para receber um Campeonato Europeu de Futebol 18 anos depois de sediar a Copa do Mundo. Exceto Nice e Lille, todas as cidades que serão palcos da Euro 2016 foram sede em 1998. Mesmo que o torneio seja regional, os holofotes da imprensa esportiva de todos os continentes vão se voltar ao país, onde atuarão muitos dos melhores jogadores do planeta. É a chance, portanto, de o mundo observar como a França se transformou social e economicamente em quase duas décadas.

Em 1998, sob o governo de Jacques Chirac, a economia francesa crescia razoavelmente, a cerca de 3% anuais, segundo o Fundo Monetário Internacional (FMI). A moeda ainda era o franco, mas a transição para o euro já ocorria e seria finalizada quatro anos mais tarde. Hoje, no entanto, a França ainda se recupera da pior crise que toda a Europa sofreu desde o fim da Segunda Guerra Mundial. A recessão em 2009, no auge dos problemas financeiros, foi a -2,63%, e o desemprego bateu na casa dos 10%, taxa que se mantém até hoje.

Essa crise financeira agravou a relação dos franceses com imigrantes, principalmente árabes e negros, oriundos de ex-colônias da França como, por exemplo, Camarões, Argélia e Líbano. Alas mais conservadoras defendem que a imigração é um entrave para a economia do país, uma vez que seriam os estrangeiros responsáveis por maior concorrência em empregos e por demandarem apoio financeiro do Estado.

A política é outro território em turbulência na França. Em baixa, o presidente François Hollande, do Partido Socialista, tem desapontado eleitores que votaram nele em 2012, quando derrotou o então chefe de estado, Nicolas Sarkozy, da UMP. Hollande recebe críticas pela incapacidade de reerguer a economia local, que, se não está em queda, pouco reagiu à crise, e por uma suposta falta de habilidade política, responsável por um racha dentro do próprio governo em relação a políticas de segurança e de imigração. Como consequência, o atual presidente tem, em 2014, menos de 20% de aprovação do eleitorado.



Ainda assim, a França é um destino querido por turistas. Dados de 2013 da Organização Mundial do Turismo mostram o país como o mais visitado do mundo. A cosmopolita e ao mesmo tempo Paris recebe 27 milhões de visitantes por anos, de acordo com a prefeitura local. Além da “cidade-luz”, como é chamada a capital, pessoas de outras nações dentro ou fora da Europa visitam locais como a Costa Azul, no sul, vinícolas nas regiões de Bordeaux e na Borgonha, cidades históricas e artísticas como Lyon e Toulouse, além do turismo esportivo nas montanhas alpinas.

Além da culinária, eternizada por queijos e vinhos, a indústria de transportes da França é outro chamariz. Toulouse sedia a segunda maior empresa aeronáutica do mundo, a Airbus, exportadora de aviões comerciais. A companhia é uma das responsáveis pela construção do foguete europeu Ariane, lançado na Guiana Francesa, território ultramarino francês localizado ao lado do estado brasileiro do Amapá. Aeronaves militares e executivas também são fabricadas no país, com a fabricante Dassault. Veículos terrestres também entram na lista de bens produzidos naquela nação, com montadoras de carro, como a Renault, e de trens, como a Alstom.

Cabe ao repórter investigar, durante as apurações para o número três da **total**, como esse panorama político e econômico francês interfere e sofre interferência na organização e na atmosfera da Euro. O continente europeu é o menor em área, mas compreende pelo menos 50 Estados independentes — e 24 deles estarão na França, o que transformará o país, pelo menos durante um mês, num caldeirão cultural maior do que já é. A seguir, indicações de tópicos para a cobertura do Campeonato Europeu de 2016.

área **640,679 km²**

66.616.416 de habitantes em 2004

capital **Paris**

51

idioma **Francês**

posição no ranking do PIB **11^o ***

posição no ranking do IDH **8^o ****

* Fundo Monetário Internacional, 2013

** Organização das Nações Unidas, 2014

O país

Imigrantes

Árabes, africanos, caribenhos, orientais e mesmo outros europeus, como portugueses, povos eslavos e ciganos. Levantamento mais recente sobre a imigração na França aponta para sete milhões de imigrantes no país em 2012, segundo dados do Instituto Nacional de Estatísticas e Estudos Econômicos (Insee, na sigla em francês). Isso representa em torno de 10% da população no país. Em Paris, esse percentual chega a 12,4%.

A imigração sempre envolve questões como o choque cultural e o racismo. Adaptar-se aos modos de vida do francês não é fácil, principalmente para quem veio de longe, como árabes, africanos e orientais. Daí, a religião se torna também um problema. O islamismo, difundido na maioria das ex-colônias francesas na África e no Oriente Médio, é outra questão tensa para a França. Muçulmanos são com frequência alvos de discriminação em um país majoritariamente católico.

Líderes da extrema-direita francesa ligam a presença de árabes e negros à criminalidade e ao terrorismo. Mesmo durante um governo moderado, de Nicolas Sarkozy, houve a decisão de proibir o uso de véus que cobrissem o rosto de moças muçulmanas, por uma suposta questão de segurança — uma vez que, com a face coberta, seria difícil identificar potenciais criminosos.

Esse é só um dos diversos exemplos que poderiam ser citados sobre a discriminação de imigrantes.

Outra abordagem sobre o assunto diz respeito às questões de emprego e auxílio financeiro do governo. O repórter pode investigar como é esse impacto na economia e nas contas públicas que opositores à imigração tanto criticam.

Há também a questão dos ciganos, geralmente oriundos de países como Sérvia, Bulgária e, principalmente, Romênia. Como as duas últimas nações fazem parte da União Europeia, imigrantes dessa região têm trânsito livre na França. Esses povos, conhecidos pelos franceses como Roms, são de uma etnia com origem indiana, mas instalada na Europa ainda na Idade Média. Eles têm uma péssima reputação na França, entre mesmo outros imigrantes, por serem conhecidos por aplicar golpes e pequenos furtos. Entidades de proteção aos ciganos, porém, tentam afastá-los dessa imagem com atividades de inclusão social e indicações a empregos.

Na cobertura da Euro, a **total** deve um panorama da imigração e relacioná-la às disputas do torneio. Jogadores de origem árabe da seleção francesa têm se recusado a cantar o hino nacional, como por exemplo o atacante Karim Benzema, filho de argelinos. Como torcedores imigrantes ou descendentes se relacionam com suas equipes? Quem são as pessoas que se recusam a se identificar como francesas, mesmo com a cidadania local já conseguida? Pautas podem surgir dessa relação da França com os estrangeiros que chegam lá a cada ano.

Rúgbi ou futebol?

Outro esporte extremamente popular na França é o rúgbi. Franceses já chegaram a três finais da Copa do Mundo da modalidade, mas ainda não foram campeões. A maior parte das cidades têm ou um ou outro esporte favorito, a depender da região. O centro-sul prefere o jogo com a bola oval, e uma das cidades sede da Euro, Toulouse, terá de ceder o estádio do Stade Toulousain, clube que mais vezes venceu a liga local. Assim como Bordeaux, casa do Union Bordeaux Belges.

A França, junto com o País de Gales e a Escócia, sediou a Copa do Mundo de Rúgbi em 2007, cuja final foi no

mesmo Stade de France onde o país foi campeão pela primeira vez no futebol, em 1998. A arena será também palco da final da Euro 2016.

Cabe ao repórter entender as diferenças na preferência esportiva do francês. Quem gosta mais do rúgbi assiste sem problemas a uma partida de futebol? Toulouse e Bordeaux convivem sem problemas com a presença em massa de torcedores na Euro? Cidades com mais tradição no esporte com a bola oval, como as turísticas Clermont-Ferrand, Toulon e Montpellier, serão afetadas economicamente pela competição futebolística? Nessas localidades, cidadãos vão acompanhar as partidas?

De norte a sul, trens

França, assim como a maior parte dos países europeus, tem extensa malha ferroviária. Segundo a Sociedade Nacional dos Caminhos de Ferro (SNCF), a companhia de trens do país, são aproximadamente 30 mil km de trilhos, atrás apenas da Alemanha, que conta com 37 mil km.

O trem é o principal meio de viagem entre os franceses. Há conexões entre todas as cidades do país, com trens regionais — o TER — e de alta velocidade — o TGV. Para brasileiros, viagens sobre trilhos são raríssimas, quando não inexistentes. Investimentos brasileiros no início da industrialização, a partir da década de 1930, valorizavam muito mais a construção de rodovias do que ferrovias para escoar a produção e aumentar o fluxo de pessoas.

Como a **total** é voltada ao público brasileiro, mostrar a rotina de dentro dos trens entre os

viajantes da Euro pode revelar esse aspecto da cultura europeia. Pode ser mostrada a rotina de um passageiro que sai da capital, Paris, para ir a Lyon e assistir a uma partida. Outra ideia é passar algum jogo importante, principalmente da seleção francesa, dentro de uma viagem de trem. E aí, escrever tanto sobre as características dos passageiros quanto a respeito de comemorações e reações aos resultados da partida.

Pautas do tipo devem conter dados sobre o transporte ferroviário na França. Essa é uma forma de dimensionar aquilo que é contado no texto por meio de histórias. O repórter, durante a Euro, deve ainda observar entre os passageiros quem são os torcedores, quem são passageiros a trabalho e onde estão os imigrantes. E, a partir daí, traçar um perfil dessa pequena amostra da sociedade francesa que é o trem.

O país

Um país politizado

Capítulos sobre revoluções, guerras e pensadores franceses não são raros em livros de história. Desde os primeiros teóricos do estado moderno, como Jacques Bossuet, até iluministas do grupo de Voltaire e François Quesnay, a França tem tradição no estudo e pesquisa em ciência política e economia. Foi na própria Revolução Francesa (1789-1799), levante da burguesia do país contra o Antigo Regime monarca e absolutista, que os termos “direita” e “esquerda” começaram a ser utilizados no sentido político. Direitistas assim ficaram conhecidos por sentar daquele lado do presidente da Assembleia Nacional Constituinte e, na maioria, se apresentarem a favor do rei — o que mais tarde daria conotação de conservadorismo.

A França contemporânea segue como local de onde é possível tirar diversas impressões sobre política. Greves constantes de serviços públicos como trens e manifestações conservadoras ou libertárias, como os protestos contra e a reação a favor do casamento

igualitário, fazem parte do noticiário cotidiano francês. É na política francesa, também, que ocorrem disputas mais polarizadas entre a esquerda, a centro-direita e a extrema direita nas eleições. Debates sobre aceitação de imigrantes, política externa e aproximação com outros países da União Europeia, além de discussões a respeito de subsídios ao campo e do papel do governo nas universidades estão presentes com frequência dentro e fora de disputas eleitorais.

Pautas que abordam a politizada sociedade francesa e as relações da política com a organização da Euro são obrigatórias na **total**. O assunto pode e deve ser explorado em reportagens sobre outros temas, como cotidiano e cultura. Identificar as visões políticas tanto dos que acompanham o evento quanto de quem não dá muita atenção ou não gosta do fato de a França organizar o campeonato pode levar o repórter a encontrar perfis e, com dados relativos às últimas votações, ilustrar leitores sobre o panorama político no país.





Rio
2016

Modalidades: diversas (28 esportes)

Quando: 5 a 21 de agosto de 2016 (futebol se inicia dois dias antes)

Onde: Rio de Janeiro (Brasília, Belo Horizonte, Salvador e São Paulo receberão jogos de futebol)

Organização: Comitê Olímpico Internacional (COI)

Países participantes: 204 (expectativa)

A competição

Graças à insistência do historiador Pierre de Frédy, o Barão de Coubertin, em unificar as festas esportivas olímpicas da alta sociedade europeia no século XIX, as Olimpíadas ultrapassaram a antiguidade e chegam, em 2016, à 31ª edição da Era Moderna. Nos Jogos do Rio de Janeiro, serão comemorados 120 anos de história da competição, que atravessou revoluções industriais, grandes guerras, conflitos ideológicos e atentados terroristas, como Munique-1972 e Atlanta-1996.

Houve mudanças no próprio sentido dos Jogos Olímpicos desde a primeira edição, em Atenas (Grécia), 1896. O Barão de Coubertin acreditava que as Olimpíadas deveriam ter como participantes apenas atletas homens e amadores. Ao contragosto do idealizador da competição, logo em 1900 as primeiras mulheres participaram de disputas de tênis — e representaram, em 2012, 45% dos participantes das Olimpíadas em Londres.

O amadorismo começou a cair pouco a pouco a partir da edição de Munique, em 1972. Isso ocorreu tanto porque as regras que definiam se um atleta era amador ou não eram difusas entre federações de cada modalidade, e para que os melhores participantes pudessem competir para chamar mais a atenção da mídia. Para 2016, apenas o boxe e a luta olímpica não terão competidores profissionais.

Entre 1952 e 2000, Estados Unidos e Rússia (até 1988, União Soviética e em 1992,

Comunidade dos Estados Independentes) se revezaram na liderança do quadro de medalhas. Juntos, esses países subiram 3.919 vezes ao pódio em Olimpíadas de Verão, ou 26,36% do total histórico em todas as edições. Outras nações como Alemanha, Grã-Bretanha, França, Itália, Japão e Austrália também podem ser consideradas potências olímpicas, sempre com bons resultados nos jogos.

Porém, desde as Olimpíadas de 2004, a China vem ameaçando a hegemonia dos Estados Unidos, líderes em todas as edições a partir de 1996 — a primeira em que ex-repúblicas soviéticas competiram separadamente. Chineses lideraram os Jogos Olímpicos de 2008, em casa, e foram vice-líderes em número de medalhas de ouro em 2004 e 2012. A primeira participação do país no evento foi em 1984, em Los Angeles (EUA), quando subiram 15 vezes ao lugar mais alto do pódio. Antes, a nação asiática só participou dos jogos de 1952, em Helsinque, mas com apenas um atleta, o nadador Wu Chianyu, que terminou a participação nos 100m costas apenas em 28º lugar.

Assim como a China nas Olimpíadas de Pequim, em 2008, o Brasil espera obter a melhor colocação da história em casa. O Comitê Olímpico Brasileiro (COB) estipulou como meta 27 medalhas, para que o país consiga figurar entre os dez melhores da competição. O recorde de pódios brasileiros foi em 2012, com 17 no total. Mas apenas três das conquistas foram de ouro, e a delegação verde-amarela não conse-





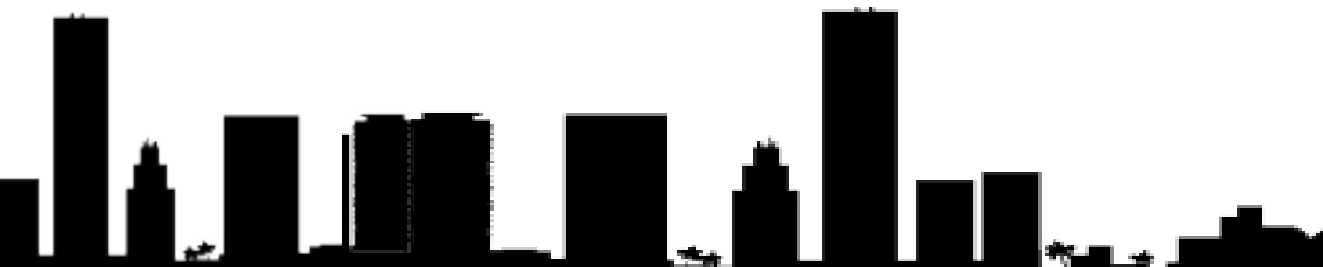
guiu bater seu maior número de títulos olímpicos da história: cinco, obtidos em Atenas-2004. Na ocasião, a equipe brasileira ficou em 16º.

As maiores chances de pódio para o Brasil estão em modalidades nas quais o país tem mais tradição em jogos: judô, vela, vôlei (de quadra e de praia) e natação. Medalhas também devem aparecer na ginástica, no handebol, no boxe e, caso haja surpresas, no atletismo, no tiro com arco e na canoagem. O futebol masculino brasileiro tentará o ouro inédito, único título que falta à Seleção.

Talvez o maior desafio para o país seja depois dos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro. Caso a expectativa de crescimento em número de pódios se concretize, o Brasil terá de superar o próprio histórico dos países sede da competição para manter a quantidade de medalhas. Chineses, por

exemplo, diminuiram em 13 o total de ouros nas Olimpíadas de Londres se comparado à edição anterior, quando disputaram em casa. Mesmo assim, mantiveram boa classificação geral e terminaram em segundo lugar.

O problema é se o Brasil repetir a Grécia. Em Atenas-2004, gregos conquistaram 16 medalhas – seis delas de ouro. Foi o melhor resultado da nação berço dos Jogos Olímpicos mas era profissional da competição. Quatro anos depois, entretanto, apenas quatro pódios. Em 2012, só dois. Nenhum ouro desde 2004. A falta de investimentos foi apontada como responsável, principalmente por causa da crise financeira que o país viveu ao fim da última década. Crise, inclusive, que o Brasil também não quer imitar a Grécia: uma das razões para as baixas econômicas foi justamente a organização das Olimpíadas.



O país

Quando o Comitê Olímpico Internacional (COI) elegeu, em outubro de 2009, o Rio de Janeiro como sede das Olimpíadas de 2016, a entidade tomou uma das decisões mais inéditas da história. A Cidade Maravilhosa competia com Madri, Chicago e Tóquio, todas em países desenvolvidos e com estrutura suficiente para suportar mais de 10 mil atletas. Poucas vezes foram eleitas nações em desenvolvimento, fora do eixo Europa-América do Norte-Austrália. A América Latina só sediou a competição em 1968, na Cidade do México.

O Brasil, por outro lado, viva excelente momento econômico enquanto a Europa e os Estados Unidos estavam no auge da pior crise econômica desde a crise de 1929. Naquele ano de 2009, o PIB brasileiro até retraiu 0,3%, mas muito pouco perto dos -5,5% do Japão, dos -3,8% da Espanha e dos -2,8% dos Estados Unidos, segundo dados do Banco Mundial. Em 2010, a recuperação do Brasil chegou a um crescimento de 7,5% no PIB.

Eleito em 2007 para sediar a Copa do Mundo de futebol, o Brasil tinha no direito de sediar as Olimpíadas o auge do bom momento que vivia perante o resto do mundo. O então presidente, Luís Inácio Lula da Silva, conseguiu transferir a popularidade para a candidata do Partido dos Trabalhadores em 2010, Dilma Rousseff, que acabou eleita.

O crescimento brasileiro pós-2010, porém, foi aquém do esperado. Em 2012, o PIB do país cresceu apenas 1%. Para 2014, a expectativa é de estagnação, sem crescimento econômico. O baixo desempenho da economia quase derrubou Dilma Rousseff nas eleições de 2014,

quando venceu com margem apertada sobre o candidato da oposição, Aécio Neves (PSDB).

Até 2013, analistas políticos apontavam que dificilmente Dilma sairia derrotada na disputa pela reeleição. Ninguém esperava, porém, as manifestações de junho daquele ano, ocorridas durante a Copa das Confederações – torneio teste da Fifa com a sede da Copa do Mundo seguinte. No início, protestos em São Paulo defendiam a baixa do preço das passagens de ônibus, sob liderança do Movimento Passe Livre (MPL). Meios de comunicação trataram tais passeatas iniciais com pouco destaque, com veículos chegando a se posicionar contrários às movimentações.

Reações truculentas da polícia, porém, atingiram jornalistas. Uma repórter da *Folha* foi atingida no olho por uma bala de borracha. A partir daí, com maior cobertura da imprensa, os movimentos se popularizaram pelo país. Em 17 de junho – quando Nigéria e Taiti se enfrentaram pela Copa das Confederações, milhares de pessoas pararam as ruas das capitais não mais para pedir menores preços na passagem de ônibus. As reivindicações eram diversas, passavam por pautas neutras, conservadoras e libertárias. Havia quem pedisse por menores impostos ao mesmo tempo que manifestantes pediam leis mais fortes contra a homofobia.

Uma das pautas, no entanto, colocou a organização da Copa do Mundo de 2014 em risco, como a própria Fifa admitiu. Havia manifestantes que pediam pelo cancelamento do Mundial e das Olimpíadas no Rio de Janeiro. Cenas de pancadaria nos arredores dos estádios antes das partidas da Copa das Confederações foram transmitidas para todo o mundo, o que deixou dirigentes temerosos em organizar as competições no país.





Contrariando expectativas pessimistas, durante a Copa do Mundo de 2014 houve apenas um protesto mais contundente momentos antes da abertura em São Paulo. A imagem do Brasil no exterior – pelo menos relativa ao clima durante o evento – era de festa, sem crises de segurança pública. Um dos motivos apontados para o fim dos movimentos foi o medo da população, principalmente da classe média, que já não respaldava mais as manifestações cada vez mais violentas.

Isso não tirou de Dilma Rousseff o peso das críticas, que derrubaram a aprovação de mais de 60% no começo de 2013 para em torno de 30% durante os protestos. Pesquisas de opinião anteriores ao primeiro turno das eleições apontavam vitória da candidata Marina Silva (PSB), que assumiu a chapa no lugar de Eduardo Campos, do mesmo partido, morto em acidente aéreo em 13 de agosto. Campanhas contra a candidata pessebista ajudaram a levantar o outro candidato da oposição, Aécio Neves (PSDB), que foi ao segundo turno com Dilma, mas perdeu mesmo após liderar as pesquisas na maior parte do tempo.

Por isso, a atmosfera política e econômica durante os Jogos Olímpicos de 2016 dependerá dos

rumos dos primeiros anos do segundo mandato de Dilma Rousseff. No estado do Rio de Janeiro, o governador Luiz Fernando Pezão (PMDB) foi eleito e terá como desafio dialogar com movimentos populares na cidade. Tais grupos desaprovavam o antecessor, Sérgio Cabral Filho (PMDB), de quem Pezão era vice. Desapropriações para construção de arenas estavam na pauta de manifestações na cidade do Rio de Janeiro.

A cobertura da **total** das Olimpíadas de 2016 deve se basear principalmente nos rumos da política e economia que o Brasil e o Rio tomarem nos próximos anos. Será uma edição bastante diferente das anteriores, pois a revista não falará de um local menos conhecido do público.

No entanto, um dos desafios da **total** em 2016 será não publicar reportagens sobre coisas as quais o leitor já sabe. A situação política e econômica do Brasil terá o conhecimento do público e deverá servir como panorama para análise e produção de pautas. Isso significa que o repórter precisa ter em mente todo esse cenário e cuidar para não apenas reproduzi-lo. Assim como nas outras edições, pautas serão encontradas na presença de torcedores de mais de 200 países em

O país

uma mesma cidade, a mais turística do Brasil. A relação do carioca com o esporte, visto desde o Maracanã cheio em dias de Fla-Flu ou dos patins e bicicletas na orla de Ipanema, também deve ser explorada.

Isso tudo não para dizer algo que todos puderam assistir em novelas de Manoel Carlos, mas para identificar a diferença entre os fanáticos pelo esporte no dia a dia e aqueles que respirarão Olimpíadas a todo momento durante os jogos. Histórias de famílias desapropriadas, perfis de favelas transformadas positiva ou negativamente pelos Jogos Olímpicos e falta de investimento em outros setores de infraestrutura no Rio de Janeiro podem humanizar pautas a respeito de política e economia, que já serão extremamente exploradas pelos veículos de comunicação.

Cobrir um evento dentro de casa demandará da **folha** muito mais responsabilidade editorial. Nas outras competições, o noticiário brasileiro se dedicará às pautas factuais sobre modalidades — o que tira um pouco esta revista da concorrência. Nos Jogos Olímpicos, a cobertura política, econômica, cultural e de cotidiano dos grandes jornais não vão poder fugir da competição.

Assim, a discussão de pauta dessa edição dependerá de reuniões constantes com a equipe até o ano de 2016, para que se avalie progressivamente a situação econômica, política e também cultural do Brasil até lá. Por isso, a **folha** não apresenta, aqui, indicações em tópicos de assuntos a serem abordados nas Olimpíadas. Como dito, trata-se de um número diferente, onde há concorrência de outros meios e o público estará mais ansioso por histórias interessantes, que devem ser avaliadas pouco a pouco.





Calendário 2015

19/1

Convocação das 26 pessoas que vão participar dos dois primeiros números da **total**. A seleção seguirá análises de currículo, portfólio e conhecimentos em língua estrangeira (inglês, espanhol e francês, obrigatoriamente uma e preferencialmente duas delas). A primeira equipe deve contar com:

Um editor-chefe

Quatro editores de texto: dois para a cobertura da Copa América e dois para a Copa do Mundo Fifa de Futebol Feminino. Todos auxiliam nos Jogos Pan-Americanos.

Sete repórteres: três para cobrirem apenas Copa América, dois para se concentrarem nos dois eventos no Canadá e dois para se dedicarem tanto à Copa América quanto aos Jogos Pan-Americanos.

Dois editores de imagem: Um para cada número.

Cinco fotógrafos: Dois para apenas para a primeira edição, um para a Copa América e os Jogos Pan-Americanos e outros dois para ambos os eventos no Canadá.

Quatro diagramadores: Dois para cada revista.

Dois ilustradores: Um para cada número.

4/2

Separação da equipes por edição e reunião de apresentação das sedes. Início da pré-apuração, pesquisa e discussões das linhas gráficas dos dois números segundo o projeto editorial.

4/3

Apresentação de ideia de pautas. Início da discussão de adereços.

25/3

Checagem das ideias de pautas.

8/4

Primeira reunião de pauta, com projetos de apuração anterior ao evento. Início da pesquisa em economia, com fontes oficiais e marcação de entrevistas.

29/4

Apresentação dos resultados da primeira fase de apuração. Nova reunião de pauta, de acordo com as observações anotadas. Detalhar e iniciar os trabalhos de arte que estiverem com o conteúdo apurado e pronto. Se for o caso, trabalhar imagens de estúdio. Decidir viagens internas dentro do país-sede.

6/5

Definição final dos direcionamentos da equipe. Quais repórteres seguirão quais linhas de apuração (economia, política, cotidiano e cultura) com quais fotógrafos.

26/5 a

1/6

Início das viagens da equipe ao Chile e Canadá.

6/6 a

5/7

Copa do Mundo Fifa de Futebol Feminino, no Canadá. Produção intensiva de texto e imagem, com montagem das páginas e edição.

11/6 a

4/7

Copa América, no Chile. Produção intensiva de texto e imagem, com montagem das páginas e edição.

5/7

Viagem de Santiago a Toronto da equipe que trabalhará também nos Jogos Pan-Americanos. Para os que já estão no Canadá, fechamento das pautas sobre a Copa do Mundo de Futebol Feminino.

9/7

Fechamento da edição nº1: **total** Copa América Chile 2015. Entrega à gráfica e à distribuição. Viagem dos que restarem no Chile a Toronto ou de volta ao Brasil (para os que não trabalharem na edição número dois). **Publicação até 20 de julho.**

10/7 a

4/7

Jogos Pan-Americanos, em Toronto (Canadá). Repórteres devem saber que as competições do polo aquático começam em 7 de julho. Produção intensiva de texto e imagem, com montagem das páginas e edição.

5/7

Fechamento da edição nº2: **total** Canadá – Futebol feminino e Jogos Pan-Americanos. Entrega à gráfica e à distribuição. Retorno ao Brasil e fim da programação de 2015.

A large, solid teal circle that serves as a background for the word "Anexos".

Anexos

64

Projeto Gráfico

Este editorial foi formatado em modelo semelhante ao que será utilizado nas edições da **total**. Texto e imagem precisam ter conteúdo para que o leitor possa se ambientar bem nas pautas descritas. Como falado na parte sobre arte, ilustrações, fotografias e diagramação devem andar juntas no objetivo de colocar quem lê dentro da atmosfera do evento e ajudar a compreender as características do país ou cidade sede.

A revista tem como desafio transmitir leveza. Não poluir demais a visão do leitor ao mesmo tempo em que precisa de informações ilustradas para deixar claro o assunto da melhor maneira possível.

Porém, deve-se levar em conta que cada edição trata de um evento diferente – no máximo, dois, como no caso do segundo número, no Canadá. A equipe só definirá regras para diagramação, formas de adereços e paletas de cores quando discutir o projeto de pré-pauta antes das competições.

Fonte

A revista *Campus Repórter* serviu como base para selecionar a tipografia de leitura. A publicação semestral dos alunos de jornalismo da Universidade de Brasília (UnB) tem em comum com a **total** a presença de grandes reportagens, com pautas além do mero factual. Ambas as revistas se preocupam com a leveza do texto, que deve fluir bem entre as páginas.

Por isso, foi escolhida a fonte Triplex Serif. Nas matérias, ela deve aparecer no tamanho 9,5 pt e alinhada à direita, para permitir maior respiro das frases e evitar linhas extremamente espaçadas ou compactas. A *Campus Repórter* a utiliza desde a edição 9 e faz parte do acervo tipográfico comprado pela Faculdade de Comunicação (FAC).

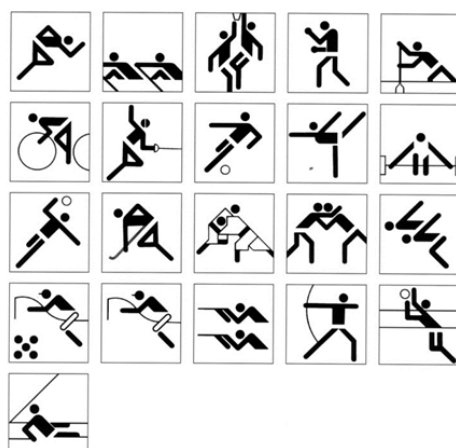
Títulos, subtítulos e páginas de abertura não necessitam seguir um mesmo padrão de fonte. Editores, repórteres e diagramadores têm liberdade para decidir, em conjunto, qual tipografia utilizar. Isso depende do assunto tratado na pauta.

Logomarca

Fonte geométrica White Rabbit. Modalidades dos Jogos Olímpicos precisam de pequenos ícones que as identifiquem em ingressos, banners e em geradores de caracteres para transmissão televisiva. A **total** não trata dos esportes em si, mas da construção e da consequência do evento esportivo.

A revista vai mostrar do que é feita a competição. Assim, a marca **total** se forma a partir das formas geométricas que compõem essas figuras ilustrativas dos esportes.

Como base, os pictogramas dos Jogos Olímpicos de 1972, em Munique (Alemanha), com formatos mais geométricos. Tais formatos serviram de base para as figuras das edições seguintes, que, a partir de Sidney-2000, passaram a ter desenho inspirado nas características da sede.



Capa

A primeira página de cada edição, diferentemente de publicações no mesmo formato, não terá apenas a imagem referente a uma reportagem. Para cada número, a capa deve conter fotografia ou ilustração que seja capaz de levar o leitor a identificar sobre qual evento esportivo a **total** trata.

Tarefa difícil, pois não há como sintetizar em apenas uma imagem a atmosfera de um grande evento esportivo. Porém, fotografias ou ilustrações com figuras que remetam à identidade nacional da sede, ou que interliguem o esporte em competição à cultura do país indicam ideias para a página inicial.

Caso uma reportagem específica tenha acervo de imagens que se sobressaia e a equipe concorde, pode haver ser utilizada fotografia específica de uma das pautas. Desde que ela retrate e tenha elementos que identifiquem o país sede como um todo, e não apenas aquele texto.

Fotografias de estúdio significam uma saída para a capa. Há a possibilidade de reunir objetos, pessoas e adereços que simbolizem a sede em questão e ilustrem o tema das revistas. Ilustrações também podem ser pensadas. Além disso, a primeira página deve ser limpa para quem vê. Diagramadores devem cuidar para que chamadas das reportagens ocupem espaço discreto.

Formato

Formato: 175x255 mm

Grid 9 colunas com 11 guias horizontais

Capa: papel couché

Corpo: offset

O formato também foi escolhido com base na revista *Campus Repórter*. O tamanho, portátil, facilita o deslocamento do exemplar junto ao leitor. A grid escolhida também permite uma leitura com bom espaço entre as caixas de texto.

Para este projeto editorial, foi escolhida a imagem de uma pista de atletismo, sem chamadas. Ao olhar para a fotografia, percebe-se que se trata da linha de largada. É assim que a **total** começa a corrida rumo ao bom jornalismo. A chegada é utópica, ideal, mas o objetivo da revista está no encontro de boas histórias a partir de eventos esportivos capazes de mudar a rotina de um lugar.

A paleta de cores deste projeto editorial foi selecionada para privilegiar tons pouco utilizados nas logos dos grandes eventos. Como visto a **total** mudará as tonalidades de títulos e subtítulos a cada edição, a depender da identidade visual do torneio.

Financiamento

Tornar a **total** realidade depende de recursos financeiros que envolvem pagamento de equipe, viagens, imprimir, distribuir e divulgar a revista. A própria produção das reportagens requer verba, pois deslocamento de repórteres entre cidades e dentro delas, por exemplo, devem ter passagens pagas pela publicação.

A arrecadação desses recursos para a **total** depende de um plano de administração eficaz e concreto. Faz-se necessário um estudo aprofundado do orçamento, com gastos operacionais e pessoais detalhados, o que definirá outros detalhes como preço sugerido dos exemplares. Porém, o objetivo deste projeto é tratar das linhas editoriais da revista. Mesmo assim, já se deve pensar nas melhores ideias para financiar a publicação e torná-la realidade:

Editais de financiamento público

Como produto acadêmico, a **total** pode se planejar para concorrer a financiamentos e bolsas que a tornem viável. Editais de fundos públicos, como no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Outra saída é encontrar auxílio em programas de incentivo à pequena empresa. Com a **total** como pessoa jurídica, há como pleitear recursos do Banco Nacional de Desenvolvimento (BNDES) e Serviço Brasileiro de Apoio à Micro e Pequena Empresa (Sebrae). As verbas obtidas seriam insuficientes para custear toda a publicação, mas podem auxiliar a formar um primeiro incentivo ao projeto.

Crowdfunding

Outro meio para obter recursos está em sites de financiamento coletivo, ou *crowdfunding*. Portais como *catarse.me* permitem que pessoas pelo mundo inteiro contribuam com pequenas quantias até que se chegue ao montante desejado. Para que haja bom alcance, a **total** deve ter o projeto divulgado em redes sociais. Essa divulgação não pode ser agressiva e que irrite um possível parceiro, e sim, atraente, de modo a tornar o projeto curioso. Apresentar curiosidades sobre as sedes, seguidas de um “que tal saber mais sobre esse lugar?” é uma ideia primária de como essas peças devem despertar o interesse do usuário em grupos e perfis em sites de relacionamentos, que, hoje, compreendem a maior parte do público da **total** (ambos os sexos, classes AB e entre 20 e 50 anos). Eventos como shows, organizados por parceiros do projeto, também têm a possibilidade de servir como fundo.

Publicidade

Com a revista já formada e com previsão de data publicada, deve-se procurar quem esteja interessado em publicar anúncios na **total**. Empresas pequenas e de médio porte, de abrangência nacional, podem fazer anúncios a preços menores ao praticado por periódicos pertencentes a editoras, o que não é o caso desta publicação, independente. Verbas publicitárias, com o tempo, passarão a formar a maior parte do caixa da **total**, à medida que financiamento público e ações de *crowdfunding* não sejam mais necessários.

Impressão e Distribuição

Num primeiro momento, a abrangência da distribuição da **total** deve se concentrar apenas nas maiores cidades do país. As cinco maiores capitais — São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador, Brasília e Fortaleza — estarão no foco da divulgação da revista nos primeiros dois números.

Para definir qual empresa será encarregada em distribuir as edições, a **total** avaliará as empresas segundo o melhor preço e a capacidade de entregar os exemplares nas bancas dessas cinco praças.


Critérios financeiros e de qualidade de impressão também serão levados em conta para selecionar a gráfica onde se produzirá o material. As edições devem estar prontas para a distribuição em tempo hábil para as quatro semanas após o término do evento, como definido como prazo de entrega às bancas.

Apesar de o público geral da revista se estender a classes AB, com leitores de ambos os sexos e de 20 a 50 anos, foi visto também que a **total** atende a uma camada mais segmentada: pessoas interessadas em matérias sobre mundo e esporte. No início, ainda na consolidação no mercado, o número de exemplares deve ser pequeno para avaliar a recepção comercial.

Por isso, trabalha-se com a ordem de mil exemplares por praça, o que dá um total de cinco mil exemplares: muito abaixo do número de revistas distribuídas por outras marcas do segmento esportivo e de variedades. Essa tiragem deve ser aumentada caso haja bom número de vendas nas primeiras edições. A partir desse aumento, fica possível lançar mão da publicidade como forma de financiamento

Para divulgar a **total**, um portal deve ser criado com versões gratuitas para download da revista. Parcerias com outros veículos podem ajudar a marca a se espalhar pela rede em todo o Brasil. Assim, após a experiência com as edições de 2015, será formulado um segundo plano de distribuição e tiragem, baseado nos sucessos e falhas com os primeiros números.

Índice de Fotos

Todas as imagens utilizadas nesta revista estão licenciadas sob os direitos 

Página 4 – 5

U.S. Army Spc. Chad Senior in Olympic Games - Tech. Sgt. Robert A. Whitehead (U.S. Air)

Página 6

JO Atlanta 1996 Stade – (Domínio Público)

Página 10

Abertura Pan 2007 – Ricardo Stuckert (Agência Brasil)

Página 12 – 13

Sports Carnival – Elise

Página 15

Copa Pra Quem/Manifestação Copa das Confederações – Ramilla Rodrigues

Página 16

Manifestações Copa das Confederações – Ramilla Rodrigues

Página 17

Twitter Lukas Podolski – Divulgação Internet

Página 18

Fifa Fan Fest – Ramilla Rodrigues

Página 19 – 20

Copa do Mundo Suíça vs Equador – Ramilla Rodrigues

Página 23

Bandeiras – Ramilla Rodrigues

Página 25

Toronto CN Tower e Estádio de Baseball – (Domínio Público)

Página 26 – 27

Maracanã em Brasil vs Inglaterra – Mark Hillary

Página 30

Copa do Mundo Suíça vs Equador – Ramilla Rodrigues

Página 32 – 33

Luis Suárez ergue o troféu de melhor jogador – LG

Página 34

Santiago – Victor San Martín
Monumento ao Trópico de Capricórnio – Marcos Escalier

Página 35

Vista aérea do Estádio Nacional – Gobierno de Chile

Página 36

Vinícolas chilenas – Fsanchezs

Página 39

Futebol Feminino – Simon Fraser University

Página 40

Montreal – DubyDub 2009

Página 42

Atletismo – William Warby

Página 43

Ginástica Olímpica – Erin Costa

Página 45

Toronto – John Vertelli

Página 46

Canadian Female Team – Simon Fraser University

Página 47

Vieux Québec la nuit par - Djof

Página 50-51

Paris - Lucas Vidigal (Arquivo pessoal)
Estádio - Lucas Vidigal (Arquivo pessoal)

Página 53

Trem - Lucas Vidigal (Arquivo pessoal)

Página 54

Estátua - Lucas Vidigal (Arquivo pessoal)

Página 57

Riocentro – Agência CNT de Notícias

Página 59

Confederations Cup Brazil vs Mexico (Cristyan Cruz)

Página 60-61

Vista aérea da Marina da Glória – Rodrigo Soldon

Referências

ASSEMBLY OF FIRST NATIONS. Main page. Disponível em <www.afn.ca>. Acesso em 02/11/14.

CANADIAN ENCYCLOPEDIA, THE. Front de libération du Québec. Disponível em <<http://www.thecanadianencyclopedia.ca/en/article/front-de-liberation-du-quebec>>. Acesso em 02/11/2014.

CENTRAL INTELLIGENCE AGENCY. World Factbook. Disponível em <<https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook>>. Acesso em 02/11/14.

CONFEDERACIÓN SUDAMERICANA DE FÚTBOL. Conmebol. Disponível em <<http://www.conmebol.com>>. Acesso em 02/11/14.

DATAFOLHA INSTITUTO DE PESQUISAS. Avaliação do governo da presidente Dilma. Disponível em <<http://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/avaliacaodegoverno/presidente/dilma/indice-1.shtml>>. Acesso em 02/11/14.

EDITORA TRÊS. IstoÉ. Disponível em <<http://www.editora3.com.br/istoe.php>>. Acesso em 02/11/14.

EDITORA TRÊS. IstoÉ 2016. Disponível em <http://www.editora3.com.br/istoe_2016.php>. Acesso em 02/11/14.

FÉDÉRATION INTERNATIONALE DE FOOTBALL ASSOCIATION. Organization. Disponível em <<http://www.fifa.com/aboutfifa/organisation>>. Acesso em 02/11/14.

FÉDÉRATION INTERNATIONALE DE FOOTBALL ASSOCIATION. 2015 FIFA Women's World Cup Organization. Disponível em <<http://www.fifa.com/womensworldcup/organisation/index.html>>. Acesso em 02/11/14.

FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF THE UNITED NATIONS. The statistics division of FAO. Disponível em <<http://faostat.fao.org>>. Acesso em 02/11/2014.

G1 BRASIL. Resultados das manifestações de junho. Disponível em <<http://g1.globo.com/brasil/linha-tempo-manifestacoes-2013/platb>>. Acesso em 02/11/14.

GOUVERNEMENT DU QUÉBEC. Portail Québec. Disponível em <www.gouv.qc.ca>. Acesso em 02/11/14.

HERNÁNDEZ, L. K e GOZZI, Adolfo. El Estadio Nacional revela sus horrores. Archivo Chile, Centro Estudios Miguel Enríques, 2005. Disponível em <http://www.archivochile.com/Experiencias/test_relato/EXPtestrelato040.pdf>. Acesso em 02/11/14.

INSTITUT NATIONAL DE LA STATISTIQUE ET DES ÉTUDES ÉCONOMIQUES. Population. Disponível em <<http://www.insee.fr/fr/themes/theme.asp?theme=2>>. Acesso em 02/11/14.

INTERNATIONAL MONETARY FUND. Report for Selected Countries and Subjects. Disponível em <www.imf.org>. Acesso em 02/11/14.

Referências

INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE. Oficial website for the Olympic Movement. Disponível em <www.olympic.org>. Acesso em 02/11/14.

PUBLIABRIL. Informações gerais Placar. Disponível em <www.publiabril.com.br/marcas/placar/revista/informacoes-gerais>. Acesso em 02/11/14.

SERVICIO NACIONAL DE TURISMO. Cuadros Estadísticos de Llegadas de Turistas Extranjeros al País a Agosto 2014. Disponível em <<http://www.sernatur.cl/estadisticas-sernatur>>. Acesso em 02/11/14.

SOCIÉTÉ NATIONALE DES CHEMINS DE FER FRANÇAIS. Groupe SNCF. Disponível em <www.sncf.fr/fr/groupe>. Acesso em 02/11/14.

TORONTO 2015. Main page. Disponível em <<http://www.toronto2015.org>>. Acesso em 02/11/14.

TRAFFIC SPORTS. Copa América Chile 2015. Disponível em <<http://www.trafficports.com/menu/pdf/english/CopaAmerica.pdf>>. Acesso em 02/11/14.

